

Jornal da

SOCIEDADE BRASILEIRA DE
PSICANÁLISE
DE PORTO ALEGRE



Brasileira



Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V.22, número 01, Julho de 2019

ESPERANÇA

Editorial



ESPERANÇA

Nestes tempos difíceis, em que o presente é obscuro e a desesperança está muito presente, a equipe editorial do Jornal da Brasileira considerou importante convidar psicanalistas e antropólogos para falar sobre o tema Esperança.

A Psicanálise, como sabemos, é a área da ciência que vem ao nosso auxílio para compreender o humano em suas complexidades e raízes mais profundas. Freud, em Problema Econômico do Masoquismo (1924), teoriza que nos primórdios da existência de cada indivíduo: *A libido encontra nos seres vivos (pluricelulares) a pulsão de morte ou de destruição que ali reina e gostaria de fazer em pedaços este ser celular e levar cada organismo elementar individual ao estado de estabilidade inorgânica*. Então, no início, o que domina é a pulsão de morte, e é a junção pulsional de eros, que acontece no nível orgânico, que permite a constituição do eu inicial. Este entrelaçado pulsional primário é a definição que Freud dá ao masoquismo primário. Ele ainda acrescenta: *O aspecto que nos parece essencial é que a intrincação pulsional é condicionada pelo objeto (sua representação)*. Segundo Freud, o objeto, assim duplamente investido pulsionalmente, torna-se o cimento e o mediador do enredado pulsional. O estado habitual é de uma intrincação-desintrincação, ou intrincação relativa, que se manifesta na dupla relação raiva-amor com o objeto, em outras palavras, na ambivalência. E o nível de ambivalência é inversamente proporcional ao nível de enredamento entre as duas pulsões. Para B. Rosenberg, é a mãe, na idade-unidade mãe-bebê, que se encarrega da ligação da pulsão de morte pela libido, considerando-se que a criança não pode fazê-la por si mesma, e a qualidade desta relação inicial tem uma importância capital para o futuro psicopatológico da criança.

Qual é a ligação entre a formação do eu inicial e o tema deste jornal, a Esperança? Para nós, é importante trazer uma visão não utópica sobre as dificuldades a serem enfrentadas. E, tendo em vista como se constitui o início da vida humana, compreender o imenso trabalho realizado pelo homem até construir-se como adulto.

Antes de finalizar este editorial, gostaríamos de escrever uma homenagem ao professor David Maldavsky, que faleceu no mês de maio, deixando muitos discípulos aqui em nossa Sociedade. Maldavsky, argentino de Buenos Aires, era professor universitário, psicanalista e filósofo, escritor e pesquisador. Ele nos deixou uma extensa obra científica, com inúmeros livros sobre teoria psicanalítica, psicopatologia, clínica e também sobre metodologia de análise do discurso. A Brasileira se sente consternada com a sua perda.

Patricia Rivoire Menelli Goldfeld

Editora

EXPEDIENTE

Editora:

Patricia Rivoire Menelli Goldfeld

Conselho Editorial:

Angela Beatriz Schwerz

Antônio Francisco M. Brum

Roberto Vasconcelos

Revisão de português:

Regina Guedes

Bibliotecária:

Clarice da Luz Rodrigues

Secretária:

Daniela Bonn

Editoração e Impressão:

Evangraf

Tiragem:

500 exemplares

DIRETORIA

Presidente:

Ana Paula Terra Machado

Secretária:

Vera Maria H. Pereira de Mello

Tesoureira:

Beatriz Saldini Behs

Diretora Científica:

Eliane Grass Ferreira Nogueira

Diretora de Comunicação:

Patrícia R. Menelli Goldfeld

Diretora de Relações com a Comunidade:

Mayra Dornelles Lorenzoni

Diretora do Centro de Atendimento

Psicanalítico (CAP):

Christiane Vecchi da Paixão

INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretora:

Ane Marlise Port Rodrigues

Secretária:

Augusta Gerchmann

Coordenadora da Comissão de Seminários:

Silvia Brandão Skowronsky

Coordenadora da Comissão de formação:

Cynara Cezar Kopittke

Comissão da Infância e Adolescência:

César Augusto Antunes

Associação de Membros do Instituto:

Aline Santos e Silva

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.

Praça dr. Maurício Cardoso, 07

CEP 90570-010 Porto Alegre – RS – BRASIL

Tel./Fax 55 51 3330-3845 – 3333-6857

www.sbpdepa.org.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

Palavras da presidente

Esperança, Spes em latim, significa confiança em algo positivo, mas esta definição pode levar à ideia de que basta confiar em algo positivo e o que se espera vai acontecer, tornando a esperança análoga a uma passividade que precisa ser superada ainda numa fase muito precoce do desenvolvimento.

Mas talvez possamos traçar uma distinção entre a esperança passiva e a esperança ativa.

A esperança passiva é uma fé cega que nega a realidade, uma crença ilusória que coloca o sujeito em um compasso de espera em que é depositada em outro a possibilidade de realização daquilo que se almeja. E quando as perspectivas de futuro são colocadas em uma dimensão de dependência, há um cunho paternalista que pode levar a uma espécie de submissão que inclui a alienação. Poderíamos pensar em uma esperança do início da vida, marcada pelo pensamento mágico, como um mero anseio desacompanhado do esforço para que algo se modifique. Quando esta condição se agrava, pode assumir contornos ainda mais severos. Neste caso, surgem os estados melancólicos que podem ser compreendidos como a doença da desesperança, na qual o sujeito fica cativo da sua perda e vive em uma zona de sombra, aferrado ao passado, sem vislumbrar alternativas para modificar o presente e ter uma abertura para o futuro.

Em contraposição, a esperança ativa pressupõe um pensar e agir com os pés fincados na realidade, embora não resignado.



A esperança ativa carrega consigo a ideia de um futuro melhor, mas com a consciência de que é preciso investir para que haja mudança e, por isso, é movimento. É enfrentar, confrontar e até mesmo afrontar a realidade quando esta causa dor e sofrimento. Isso não significa destemor absoluto, sem o reconhecimento dos limites, tampouco é otimismo ingênuo. É ter uma dimensão de futuro, calcada nos lutos do que se foi, mas com a força para se construir algo novo. É poder acreditar em um futuro que faça a vida ter sentido e valer a pena.

Diante de situações difíceis de impasses e, sobretudo, diante do medo, a esperança é o que protege do desespero. Em tempos sombrios, de incertezas, a esperança é um fio tênue que ameaça se romper; por isso a esperança ativa implica reação, potência transformadora e não espera marcada pelo desalento.

Ter esperança é confiar na capacidade humana de criar, de construir e se reinventar. Manter a esperança é ter fé na vida!

É fazer da utopia um horizonte, uma caminhada...

Ana Paula Terra Machado

Presidente da SBPdePA - Gestão 2018-2019

Violência e invisibilidade

Vera Maria H. Pereira de Mello

Psicóloga, Psicanalista, Membro Titular e Didata da SBPdePA

Você não me viu?

Cena 1: O rapaz dirigindo uma moto é fechado por um carro, tendo como motorista um senhor idoso.

Cena 2: O rapaz aproxima-se da janela do carro e começa a desferir agressões verbais. Em seguida tira seu capacete, seu rosto está coberto por uma touca ninja, e com este capacete bate violentamente no carro e imediatamente começa a dar socos pela janela em direção ao rosto do motorista do carro.

Isto tudo acontece em uma noite de sábado, véspera do dia dos pais, na frente de um grande shopping, com circulação de centenas de pessoas.

Uma moça chocada com a agressão, que está sendo presenciada por várias pessoas, começa a gritar, na intenção de fazer com que o agressor pare, o qual nesta altura já dá empurrões no senhor idoso, que está fora de seu carro. Alertados pelos gritos da jovem, os guardas do shopping interveem na cena impedindo que a agressão continue.

Escuto o relato desta agressão, impressionada pela passividade das várias pessoas que assistiam a cena e seguiam entorpecidas, sem poder antecipar o que se aproximava como desfecho, mantendo-se alienadas.

Escrevo embalada ainda pelo impacto da videoconferência proferida por Janine Puget em 2018, na SBPdePA, durante a Jornada do Núcleo de Vínculos. Esta teve como tema "Casais em Turbulência - da Idealização à Violência". Nesta videoconferência, Janine Puget instiga ao questionamento sobre o impacto da violência social que nos assola como analistas, sujeitos que somos também deste cenário, no qual muitas vezes assumimos uma atitude passiva.

Como psicanalistas talvez tenhamos não somente uma condição, mas também uma missão, na medida em que estamos inseridos na sociedade e percebemos a violência presente na cultura e na política, e temos por obra de nosso ofício a possibilidade de tomar distância e pensar, fazendo uso do arcabouço teórico da Psicanálise.

Na esteira deste pensamento, Janine Puget nos convoca a refletir sobre o processo de alienação pelo qual como sociedade e como sujeitos estamos vivenciando.

A indignação presente no olhar da moça que me descreve a cena da agressão anuncia o pedido de socorro de uma sociedade que está amedrontada, mas que ainda tem coragem de gritar, atitude esta que impediu que algo mais grave pudesse acontecer, pois seus gritos alertaram os seguran-

ças do shopping impossibilitando que o jovem seguisse batendo no idoso.

Você não me viu? Segue a frase ecoando, sendo esta um denunciador do disparo da agressão. Estamos diante de uma sociedade em que o não ser visto, a indiferença ao outro, o não reconhecimento do outro, provoca um movimento violento para ser visto.

Recorro a Axel Honneth, filósofo e sociólogo alemão, considerado da terceira geração da Escola de Frankfurt, que em seu artigo "Invisibilidade: na epistemologia do reconhecimento", aborda a invisibilidade como uma patologia social, tendo como premissa por meio de formas ativas e intencionais tornar pessoas invisíveis. Neste processo as pessoas sentem-se como se não estivessem sendo percebidas, e na busca deste reconhecimento atitudes violentas são cada vez mais frequentes.

Vemos crescer os indícios de violência contra as mulheres, os feminicídios, a xenofobia em que a intolerância a outra cultura, que não a própria do sujeito, o racismo, no qual a cor da pele funciona como um demarcador em que um sujeito se sente superior ao outro. A intolerância diante de opiniões diferentes estabelece um cenário em que os sujeitos passem a funcionar como inimigos, em que um se coloca como portador da verdade, da qual divergir torna-se uma afronta. Observa-se uma polarização, dentro de uma lógica binária, a qual sabemos é extremamente empobrecedora, incapaz de criar pensamentos novos e suscitar questionamentos. Reflexos da cultura narcísica?

Axel Honneth (2009), apoiando-se em Hegel, traz a questão do reconhecimento intersubjetivo e social como estruturante de identidade. Destaca a existência de três aspectos fundamentais de reconhecimento que oportunizam ao sujeito a sensação de ser um ser social, pertencente a uma sociedade. Estes estágios de reconhecimento teriam algo como uma hierarquia estando o primeiro, o reconhecimento de que o sujeito é amado, como oportunizando ao sujeito a autoconfiança. Para sustentar esta posição, Axel Honneth aproxima-se da Psicanálise, ancorando-se no conceito de Dependência Absoluta de Winnicott, enfatizando a importância da relação primária da criança com o objeto cuidador na constituição de sua subjetividade. A ocorrência de graves falhas nesta relação primária provocaria a sensação de violação deste primeiro momento de reconhecimento. Já o segundo momento de reconhecimento seria o do



direito, a existência deste promoveria o sentimento de autorrespeito, cuja característica seria a condição de considerar o outro como tendo direitos próprios. Como terceiro fator de reconhecimento Axel Honneth considera a solidariedade, a qual possibilitaria a autoestima.

O conflito social seria a indicação de que há algo que está sendo negligenciado ou falha, no processo de reconhecimento de alguém por uma sociedade, e estes costumam ser indicadores de patologia social. Entende que os indivíduos, bem como os grupos sociais, somente adquirem uma identidade quando há um reconhecimento na intersubjetividade. Nesta teoria, portanto, os conflitos sociais seriam uma luta pela busca de reconhecimento.

Para Fuhrmann (2013), Honneth demarca que o reconhecimento da dignidade das pessoas e dos grupos constitui o fundamento do que ele entende por justiça social, em última instância o respeito pelo outro. Diz ele "as categorias centrais já não são a distribuição equitativa de bens ou a igualdade de bens, senão a dignidade e o respeito humano" (Honneth, 2009, p. 19).

Um dos psicanalistas que muito contribuiu sobre o impacto da violência sobre o outro foi Ferenczi. Ele pontua que uma situação de violência física, ao não ser reconhecida pelo outro, provoca no sujeito, em um segundo momento, uma comoção psíquica, pois sente-se não reconhecido no seu sofrimento.

"O pior é realmente o desmentido, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento, é isto sobretudo o que torna o traumatismo patológico" (Ferenczi, 1931, p. 79).

Nesta linha de pensamento podemos destacar a importância dos cuidados no primeiro tempo da infância, nas primeiras interações da criança com o mundo externo, nas quais a necessidade de encontro com um objeto externo cuidador, constante atendendo e sustentando esta criança em seu desamparo, promove a sensação desta ser única, fomentando a crença de que é amada, de que é reconhecida. Talvez este seja o caminho primeiro para entender o verdadeiro sentido da pergunta feita pelo rapaz agressor, bem como a violência de seu ato. Você não me viu?

Em busca do tempo possível: comentários sobre uma análise antropológica da esperança

Maria Claudia Coelho

Professora Titular do Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Sociais da UERJ

Eduardo Oliveira

Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ

INTRODUÇÃO

A história das emoções como objeto de reflexão das Ciências Sociais compartilha um aspecto fundamental com diversas outras temáticas: o embate contra o senso comum, no qual são comumente associadas aos domínios da “natureza” e do “indivíduo”.

“Natureza” e “indivíduo” integram, no pensamento antropológico e sociológico, duas oposições fundadoras: natureza/cultura e indivíduo/sociedade. Aquilo que é alocado na rubrica “natureza” goza do atributo da universalidade; aquilo que é entendido como da ordem do “indivíduo” é associado ao idiossincrático, ao singular.

Universais e singularidades são entendidas como fenômenos refratários à ação da sociedade e da cultura e estariam, por isso, fora do alcance dos estudos antropológicos e sociológicos. É o caso de aspectos da experiência humana tais como a saúde, o corpo, o gênero, a sexualidade, percebidos todos dessa forma pelo senso comum ocidental moderno.

As emoções fazem parte desse rol de temáticas cuja construção como objeto de estudo enfrenta, de saída, essa caracterização pelo senso comum.¹ Nesse artigo, principiaremos por expor de que forma

se deram as primeiras construções da emoção como um objeto possível para a análise antropológica. Em seguida, abordamos sua capacidade de atuar no plano “micro-político”, ou seja, sua articulação com o poder, a autoridade e a hierarquia e sua dimensão temporal, ou seja, a relação existente entre experiências emocionais e o passado, o presente e o futuro. Essa relação entre emoção e temporalidade nos conduzirá ao foco do artigo: a esperança, discutida aqui em dois grupos de fenômenos: aqueles da ordem pública (política, movimentos sociais, mercado) e aqueles da ordem privada (adoecimento e cuidado).

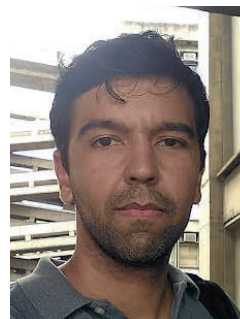
AS EMOÇÕES COMO OBJETO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

O primeiro antropólogo a fazer das emoções o foco de um estudo foi Marcel Mauss. Em *A expressão obrigatória dos sentimentos* (1980 [1921]), o autor examina um conjunto de dados etnográficos sobre ritos funerários australianos, no qual identifica um padrão nos gritos e lágrimas, que recrudescem em um mesmo momento. Preocupado com a tensão entre espontaneidade individual e coerção social (problema teórico herdado da sociologia de Émile Durkheim [1984]), Mauss sugere que a dor do luto é experimentada pelo sujeito como espontânea, sendo, porém, suscitada nele pelo ritual. Isso faria das emoções uma linguagem, ou seja, ao expressar seus sentimentos para os outros, o sujeito os expressaria para si mesmo.

Várias décadas se passaram até que as emoções fossem erigidas em foco de uma área de investigação autônoma com contornos

nítidos. Na cena antropológica norte-americana, sua constituição se deu nos anos 1980, com os trabalhos seminais de Michelle Rosaldo (1984), Lila Abu-Lughod (1986) e Catherine Lutz (1988). Nesse momento, a noção de “construção cultural” faz um trabalho essencial (a exemplo do que já fizera ao constituir a sexualidade e a saúde/doença como objetos da reflexão antropológica), permitindo romper com a noção do senso comum moderno ocidental de que as emoções seriam dotadas de uma “essência” universal. Essa perspectiva aplica os preceitos do relativismo cultural para advogar serem as emoções construtos culturais e, portanto, variáveis de um contexto para outro.

Essas variações podem ser percebidas de maneira diacrônica (ou seja, em uma mesma sociedade em momentos distintos de sua história) ou sincrônica (em sociedades distintas coexistentes no tempo). Um exemplo pode ser encontrado na análise empreendida por Benzaquen de Araújo e Viveiros de Castro (1977) sobre o amor moderno. Analisando a história de *Romeu e Julieta* em sua versão trágica contada por William Shakespeare, os autores recorrem à obra de Louis Dumont (1997) para mostrar como a concepção de amor aí embutida só poderia surgir na passagem, ocorrida durante o Renascimento, de um modelo societário “holista” (em que o todo, ou seja, a sociedade, predomina sobre as partes) para um modelo



¹ Para exposições mais detidas da constituição do campo da Antropologia das Emoções, ver Rezende e Coelho (2010), Coelho e Rezende (2011) e Coelho e Durão (2017).

"individualista" (em que as partes, ou seja, os indivíduos, predominam sobre o todo). Romeu e Julieta se amam para além de quem são por seu lugar de nascimento e, em nome desse sentimento que os singulariza, ensaiam se opor às determinações sociais expressas na oposição de suas famílias. A força da sociedade não impede o amor, mas sim o casamento, atestando o aprisionamento do casal entre duas ordens sociais distintas, que convivem em uma sociedade em transformação. *Romeu e Julieta* seria, assim, a tragédia dessa transição.

Uma segunda ideia fundamental formulada nesse período é a noção de "etnopsicologia" (Lutz, 1988). O conceito designa a concepção que cada grupo social tem da vida emocional e/ou de emoções particulares. Examinando aquilo a que se refere como "etnopsicologia euroamericana" (ou seja, referente à Europa ocidental e à América do Norte), a autora aponta a existência de duas oposições fundamentais: emoção-razão e emoção-distanciamento. Na primeira oposição, a emoção é associada ao descontrole e ao feminino, sendo considerada o polo negativo, enquanto a razão, associada ao controle e ao masculino, seria o polo positivo. Na segunda, a valoração é invertida, com a emoção sendo agora o polo positivo porque atributo do feminino associado à capacidade de envolvimento com o sofrimento alheio, enquanto o distanciamento, ou seja, a "frieza" emocional, seria associado ao masculino.

Dessa análise emergem dois temas constitutivos do campo da Antropologia das Emoções: o *gênero* e o *controle*. A eles viria se somar, apenas dois anos depois, o tema do *poder*, cuja centralidade é sugerida por Lutz e Abu-Lughod (1990) na introdução a uma coletânea. Com base na noção de "discurso" de Michel Foucault, as autoras sugerem que as emoções seriam dotadas de uma capacidade "micropolítica", ou seja, a capacidade de dramatizar,

reforçar ou alterar relações de poder e hierarquia.

Entre outros exemplos, podemos citar a gratidão, a qual, de acordo com Simmel (1964), expressaria o reconhecimento de uma dívida que inferioriza, sendo assim suscitada naquele que é, ou pode, menos. Foi seguindo essa perspectiva que Coelho (2006) analisou a troca de presentes entre patroas e empregadas domésticas, em que o desejo das primeiras em suscitar a gratidão das segundas por meio de presentes não retribuídos pode ser entendido como uma maneira de dramatizar, por meio de uma "gramática emocional", a relação hierárquica que as une.

Outros exemplos seriam o desprezo, o qual, de acordo com Miller (1977), seria uma emoção de "demarcação de status", ou seja, expressaria uma imagem de si, da parte de quem o sente, como superior ao outro; ou ainda a compaixão, que, de acordo com Clark (1997), seria um sentimento assimétrico, capaz de inferiorizar aquele que o recebe. Desprezo e compaixão formariam, nas análises de Coelho (2010) e Coelho e Pardo (2018), um "complexo emocional" juntamente com a raiva, complexo esse típico de situações de vitimização em modalidades diversas da violência, tais como os assaltos a residências, o *bullying* e os sequestros.

Além da atenção para a construção cultural, para a articulação gênero-controle-poder e para a capacidade micropolítica, o campo da Antropologia das Emoções tem outros eixos essenciais, tais como a relação entre corpo e emoção (já expressa na formulação clássica de Rosaldo [1984] das emoções como "pensamentos incorporados") ou a dimensão moral das emoções (como nos trabalhos de Goffman [2011], Elias [1990] ou Scheff [1990] sobre os sentimentos de constrangimento e vergonha). Entre essas outras perspectivas, está a relação entre emoções e tempo.

Todas as emoções têm uma temporalidade própria, como quando falamos da "eternidade"

de um amor "profundo" (e não custa observar a recorrência da metáfora da "profundidade" para atestar a força de um sentimento) ou de uma amizade "de infância". Entretanto nem todas se definem pelo tipo de relação que estabelecem com o tempo, como é o caso, por exemplo, da nostalgia, do tédio ou do medo.

A nostalgia é um sentimento que, ao lado de vários outros, como a saudade e a melancolia (Lourenço, 1999) ou o ressentimento (Bresciani & Naxara, 2004), entretém uma relação particular com o passado, expressando uma maneira específica de relação com a perda.² O tédio diz respeito a uma maneira de lidar com o presente, como discutido na análise de Rocha (2011) sobre a prática de esportes radicais. E o medo fala de projeções de futuro, podendo ser individual ou coletivo, e dotado de uma dimensão histórica (Delumeau, 1989).

A esperança integra o rol dos sentimentos que se define por entreter uma relação específica com o tempo, em particular com o futuro. É o que veremos a seguir.

O ESTUDO ANTROPOLÓGICO DA ESPERANÇA

O tempo é um fluxo que realiza a ligação entre o definido e o indefinido, entre o *vivido* e o *a ser vivido*. No hiato entre essas categorias reside a experiência de organizar os acontecimentos de modo tripartido em passado, presente e futuro. Essa experiência da passagem do tempo é a que faz do instante uma fenda aberta entre realidade e possibilidade, pressuposto a partir do qual a esperança pode ser discutida do ponto de vista antropológico. Pois a essência da passagem do tempo é o drama, o fluxo que corre e faz do ser irremissível em sua presença (Lévinas, 1988).

A esperança é um sentimento diurno. Diferente do sonho no-

² Para uma análise do lugar da nostalgia na experiência do exílio, ver Oliveira (2018).

turno, em que os desejos escapam de planejamento, de prudência e de cálculo, a esperança não sonha com o desmedido. A esperança é o lugar das aspirações críveis e factíveis, espécie de delírio que pode ser conduzido pela consciência. Nesse sentido, Ernst Bloch (2005) escreve seu ensaio *O princípio da esperança*, cujo objetivo é, para além dos marxismos, baseado no "sonho da vida melhor". Na obra, Bloch se refere à esperança como o *sonho diurno*, sentimento cujos ingredientes fundamentais são a utopia e a *práxis*.

"Utopia" refere-se rigorosamente ao "não-lugar" ou ao "que está em lugar nenhum". Thomas More (1980) inaugura o pensamento utópico no seu romance filosófico *A utopia*, no qual imaginou uma sociedade sem propriedade e sem tolerância religiosa, vivendo em plena harmonia. Suas reflexões até hoje figuram como paradigma do pensamento sobre um ideal inalcançável.

Já a *práxis* é a ação ou atividade humana que se caracteriza pela imaginação prévia ou visualização idealizada do resultado final. No capítulo 7 de *O capital*, Marx (2013) explica a *práxis* humana comparando o trabalho de construção de uma abelha com o de um mestre de obras, considerando que, neste último, a imagem do objetivo final figura mentalmente antes mesmo da realização. Enquanto na colmeia a abelha apenas trabalha, sem um ideal imaginado do resultado de seu trabalho, o mestre de obras relaciona o seu trabalho presente com um resultado final, na medida em que projeta uma imagem ainda inexistente. Nesse sentido, a *práxis* não é mera aplicação prática, mas atuação sobre uma matéria ou estado das coisas tendo em vista um projeto conscientemente elaborado pelo imaginário.

É sobre essa base que a esperança conceitualmente reside. Em contraste com os "sonhos noturnos" de Freud (1987), nos quais uma sequência de ideias soltas, às

vezes incoerentes, é entregue ao espírito formando uma espécie de devaneio, os sonhos diurnos são antecipações do futuro acompanhadas pelo desejo de concreção, ou seja, nele o utópico se faz *tópos* de uma ação que mobiliza uma *práxis*, uma ação previamente imaginada (Bloch, 2005).

O ponto que desejamos enfatizar aqui é a passagem da utopia à esperança. Também chamada de "utopia concreta", a esperança é, na obra de Bloch, um desdobramento ontológico do horizonte que deseja "mundos melhores". Enquanto Freud trata o inconsciente como o "não mais consciente", Bloch desenvolve a ideia da existência do *sonho diurno* como o "ainda não-consciente", sujeito que vivencia antecipadamente o que subjetivamente é visualizado, porém que permanece inexistente de fato (Bloch, 2005). É nesse sentido que podemos compreender os sonhos diurnos, como o que ainda não existe, porém habita as imaginações como um plano de vida melhor.

Berliner (2015) sugere que as formas de se sentir esperança são tributárias da particularidade de arranjos sociais e políticos. Por isso, seria possível falar em sentidos da esperança e seus variados investimentos emocionais e cognitivos, um postulado indissociável de um potencial transformador da realidade. A esperança orienta práticas, discursos e posturas políticas, na medida em que inspira o envolvimento com a realidade tendo como meta a possibilidade do vir a ser. O ator social esperançoso seria, então, aquele que subjetivamente transpõe os limites do ainda não conhecido.

De acordo com Vincent Crapanzano (2004), a esperança é um sentimento movido pelo desejo ou percepção de um futuro mediado. Em *Imaginative horizons*, apresenta reflexões sobre a esperança como categoria historicamente relegada das Ciências Sociais, na medida em que se faz campo de investimento do discurso religioso. Crapanzano

explora os sentidos da esperança a partir de diferentes áreas como a teologia, a psiquiatria e a filosofia. Entre as dimensões inscritas no estudo da esperança, identificamos: 1) a relação que este sentimento estabelece com as vontades e aspirações projetadas; 2) as variações em relação ao que é passível de se crer, diante do desejado; 3) a forma pela qual a esperança não se restringe à ideia de projeção ao futuro e se apresenta como um sentimento que pode retornar ao passado e dar sentido às vivências no presente, desfazendo o esquema objetivo de tripartição do tempo; e 4) a relação entre a esperança e a ação ou paralisia.

Uma "antropologia da esperança" elege como foco as possibilidades de vivência subjetiva do tempo que virá. Trata-se de uma dimensão da vida particularmente fértil na medida em que lida com as possibilidades de transformação da realidade presente. Vejamos alguns exemplos em fenômenos políticos e em tratamentos médicos.

O nexos entre esperança e política pode ser apresentado através de diversas faces que vão desde os movimentos sociais, passando pelo tema das eleições até a análise dos discursos e atuações públicas. Em análise das narrativas do Grupo Cultural AfroReggae, Durão e Coelho (2012) observam uma forma de ação social inspirada pela esperança daqueles jovens que escaparam de um fim trágico associado ao crime, em oposição à utopia dos mártires. A construção da identidade do grupo é baseada nessa chave da esperança, o que orienta as ações desse movimento social.

Ainda na política, vale mencionar a produção de discursos baseados na ideia de esperança, particularmente em duas dimensões da vida pública: nas manifestações de rua, quando boa parte da população se vê mobilizada a participar dos debates políticos e, em outro momento, na produção de discurso eleitoral, que fundamenta a mudança política baseada em discursos de esperança. Nesse sentido,

cabe mencionar os estudos de Ted Brader (2006) sobre a campanha presidencial norte-americana e a produção de discursos voltados para a disseminação do medo e da esperança.

Tomando como objeto o movimento de cuidados paliativos direcionado a pacientes terminais, Menezes (2011) estuda as emoções ligadas à experiência de quase morte. Com base no trabalho de Norbert Elias, a autora toma como objeto não a morte em si, mas "a imagem antecipada da morte" e, como consequência, emoções ligadas a essa experiência. Em outro lugar (Menezes, 2006), a autora realiza a etnografia de um Centro de Tratamento Intensivo, onde observa como a "esperança foi medicalizada" com o surgimento de uma nova organização voltada para o cuidado.

Diante dessas possibilidades de aplicação, identificamos o rendimento desse campo conceitual envolvendo a relação entre as emoções e o vintouro, especialmente focado nos estudos da esperança. Intimamente vinculadas à possibilidade de realização, as pesquisas antropológicas da esperança são particularmente fecundas

na medida em que depõem sobre o que esperamos ou podemos esperar do futuro. Tratam-se aqui do tempo do "ainda não" e seu processo ininterrupto de resignificação, uma dimensão da experiência humana que alimenta propósitos e propulsiona ações, na política e na vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Angé, O., & Berliner, D. (Orgs.). (2015). *Anthropology and nostalgia*. New York and Oxford: Berghahn Books.
- Benzaquen de Araújo, R., & Viveiros de Castro, E. (1977). *Romeu e Julieta e a origem do Estado*. In G. Velho (Org.). *Arte e sociedade* (pp. 130-169). Rio de Janeiro: Zahar.
- Bloch, E. (2005). *O princípio da esperança* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Ed. Uerj-Contraponto.
- Brader, T. (2006). *Campaigning for hearts and minds: How emotional appeals in political ads work*. Chicago: University of Chicago Press.
- Bresciani, M. S., & Naxara, M. (Orgs.). (2004). *Memória e (re)sentimento*. Campinas: Unicamp.
- Clark, C. (1997). *Misery and company: Sympathy in everyday life*. Chicago & London: The University of Chicago Press.
- Coelho, M. C. (2006). *O valor das intenções: Dádiva, emoção e identidade*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Coelho, M. C. (2010). Narrativas da violência: A dimensão micropolítica das emoções. *Mana*, 16, 1-20.
- Coelho, M. C., & Durão, S. (2012). Moral e emoção nos movimentos culturais: Estudo da 'tecnologia social' do Grupo Cultural AfroReggae. *Revista de Antropologia*, 55, 899-935.
- Coelho, M. C., & Durão, S. (2017). Introdução ou como fazer coisas com emoções. *Interseções*, 19(1), 44-60.
- Coelho, M. C., & Pardo, J. (2018). O pátio do recreio: Interação, 'bullying' e gramáticas emocionais da vitimização. *Dilemas*, 11(3), 533-561.
- Coelho, M. C., & Rezende, C. B. (Orgs.). (2011). *Cultura e Sentimentos: Ensaios em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contra Capa.
- Crapanzano, V. (2004). *Imaginative horizons: An essay in literary-philosophical anthropology*. Chicago & London: The University of Chicago Press.
- Delumeau, J. (1989). *História do medo no ocidente*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Dumont, L. (1997). *Homo Hierarchicus*. São Paulo: EDUSP.
- Durkheim, E. (1984). *As regras do método sociológico*. São Paulo: Editora Nacional.
- Elias, N. (1990). *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Freud, S. (1987). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Goffman, E. (2011). Constrangimento e organização social. In *Ritual de interação* (pp. 95-109). Petrópolis: Vozes.
- Lévinas, E. (1988). *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70.
- Lourenço, E. (1999). *Mitologia da saudade*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Lutz, C. (1988). *Unnatural emotions: Everyday sentiments on a micronesia atoll & their challenge to western theory*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lutz, C., & Abu-Lughod, L. (1990). *Language and the politics of emotion*. New York: Cambridge University Press.
- Marx, K. (2013). *O capital, livro 1*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Mauss, M. (1980 [1921]). A expressão obrigatória dos sentimentos. In S. Figueira (Org.). *Psicanálise e ciências sociais* (pp. 56-63). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Mauss, M. (2003). Relações reais e práticas entre a psicologia e a sociologia. In *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.
- Menezes, R. A. (2006). *Díficeis decisões: Etnografia de um Centro de Tratamento Intensivo*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. Retirado de <http://books.scielo.org/id/bmzsz>
- Menezes, R. A. (2011). Notas sobre a experiência de quase morte: interpretações e sentidos. In *Cultura e sentimentos: Ensaios em antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Contracapa/Faperj.
- Miller, W. I. (1997). *The anatomy of disgust*. Cambridge: Harvard University Press.
- More, T. (1980) *A utopia*. Brasília: Editora UNB.
- Oliveira, E. (2018). *A nostalgia em tempos de exílio: As gramáticas emocionais do reencontro no romance As brasas*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Instituto de Ciências Sociais – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Rezende, C. B., & Coelho, M. C. (2010). *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas.
- Rocha, V. M. (2011). Ninguém se arrisca à toa: Os sentidos da vida para praticantes do esporte base jump. In M. C. Coelho & C. B. Rezende (Orgs.). *Cultura e sentimentos: Ensaios em antropologia das emoções* (pp. 63-80). Rio de Janeiro: FAPERJ/Contra Capa.
- Rosaldo, M. (1984). Toward an anthropology of self and feeling. In R. Shweder & R. LeVine (Orgs.). *Culture theory: Essays on mind, self, and emotion* (pp. 137-157). Cambridge: Cambridge University Press.
- Scheff, T. (1990). Shame and conformity: The deference-emotion system. In *Microsociology: Discourse, emotion, and social structure* (pp. 71-95). Chicago: University of Chicago Press.
- Simmel, G. (1964). Faithfulness and gratitude. In Kurt H. Wolff (Org.). *The sociology of Georg Simmel* (pp. 379-395). New York: Free Press.

JORNADA - CAMINHOS DA DOR

Este ano de 2019, em 27 e 28 de setembro, traremos a Porto Alegre nomes importantes e consagrados do cenário psicanalítico brasileiro e mundial, o que enaltece muito nossa instituição. A Jornada "CAMINHOS DA DOR", convoca a pensar o psiquismo em sua origem e como o desencontro precoce entre o corpo e a mente pode gerar caminhos tortuosos, onde a dor não encontrando o simbolismo necessário, se transforma em doença.

O tema é a psicossomática contemporânea, e para o debate convidamos a psicanalista francesa Marília Aisenstein (membro da Sociedade Psicanalítica de Paris,

Sociedade Helênica de Psicanálise e do Conselho Editorial da Revue Française de Psychanalyse), David Maldavsky, (representado por Lilianna H. Alvarez - Argentina) e o psicanalista brasileiro Admar Horn, da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, da Sociedade Psicanalítica de Paris e Instituto de Psicossomática de Paris Pierre Marty).

VALORES JORNADA 2019 SEGUNDO LOTE

ESTUDANTES	R\$ 220,00
MEMBROS DO INSTITUTO DA SBPdePA	R\$ 310,00
PÓS GRADUAÇÃO	R\$ 340,00
MEMBROS SBPdePA	R\$ 390,00
PROFISSIONAIS	R\$ 460,00
CURSO	R\$ 60,00



Comissão da Jornada - Caminhos da or

Obs.: Requisito para o curso:
Estar inscrito na Jornada 2019.

Contato: comunicacao@sbpdepa.org.br
Fone: 3333.6857

As inscrições podem ser feitas através do site sbpdepa.org.br ou na secretaria da SBPdePA.

Esperança esquina com Liberdade

Ana Rosa Chait Trachtenberg
Membro Titular, Fundador e Didata da SBPdePA

Nasci e me criei em Porto Alegre, no Sul do Brasil. Sou filha de refugiados judeus poloneses e pobres que, entre as duas guerras mundiais, se aventuraram para um lugar completamente desconhecido, o Brasil, para salvar a pele do antissemitismo e do nazismo da Europa. Os familiares que lá permaneceram foram dizimados. Sou a primeira geração no Brasil e descendente "indireta" de sobreviventes da Shoa/Holocausto.

Neta de religiosos e mantendo todas as tradições do judaísmo, cresci escutando ano após ano na Hagadá – livro de rezas de Pessach (que significa passagem) – que os judeus foram escravos no Egito, libertados por Moisés e que é nossa obrigação como povo ler e contar esta história ano após ano, para todas as gerações.

Quero reproduzir aqui palavras do rabino Lord Jonathan Sacks, que me ajudam a abrir caminho para o que desejo expor mais adiante.

"Porque lembrar

O Seder de Pessach é o momento em que nos reunimos com toda nossa família e recontamos a história do Êxodo do Egito, ocorrido há mais de 3000 anos. Mas fazemos mais do que recontá-la. Nós a revivemos. Comemos o pão ázimo da aflição, provamos das ervas amargas da escravidão e bebemos os quatro copos do vinho da liberdade. Conheço poucas ocasiões em que a história é representada de forma tão vivida. Você se sente como se tivesse estado lá. Como parte da cerimônia, dizemos: "em cada geração, cada um de nós deve se sentir como se nós

mesmos tivéssemos saído do Egito". E é o que fazemos. Em Pessach transformamos a história em memória viva. Mas por que é tão importante lembrar o que aconteceu há tanto tempo? A resposta é a própria celebração. Se quisermos valorizar e proteger a liberdade, devemos lembrar da alternativa: o pão da aflição e as ervas amargas da escravidão. Cada nova geração deve aprender agora como se lutou pela liberdade e como ela foi penosamente conquistada. A memória é a melhor guardiã de nossa liberdade." (Rabino Lord Jonathan Sacks, 2017).

Agora retorno ao bairro onde cresci, conhecido como Colônia Africana. Bairro de negros e de judeus pobres. Minha cidade tem colinas; no alto se situam zonas abastadas. Meu bairro: rua Esperança (uma descida) e rua Liberdade (lá embaixo). Ao que parece os escravos fugiam da casa grande pela rua chamada Esperança (hoje tem outro nome – rua Miguel Tostes) e se refugiavam na rua Liberdade (que cruza a rua Esperança) e adjacências. Havia clubes negros no bairro, bem como sinagogas. Meus vizinhos, descendentes de escravos, e nós respirávamos este clima. Porém nunca escutei qualquer referência a que eram descendentes de escravos!

Somente na vida adulta fui percebendo algo...

Bem, me tornei psicanalista e meu interesse pelo tema da transmissão psíquica entre gerações foi crescente nos últimos anos. Fui entendendo que tinha relação com minha história e, especialmente, com minha pré-história. Talvez um desejo de ir colocando palavras no silêncio que também rondava minha família. Não se falava das perdas trágicas

da Shoa. Judeus e negros compartilhando um clima de silêncio a respeito do passado traumático.

Na vida adulta aprendi que o Hino de Israel, chamado Hatikvá e baseado num poema perdido do séc. XIX, significa simplesmente Esperança. Mamei dele, sem saber de sua tradução...

HATIKVÁ - A ESPERANÇA

Enquanto no fundo do coração
Palpitar uma alma judaica,
E em direção ao Oriente
O olhar voltar-se a Sião,
Nossa esperança
ainda não estará perdida,
Esperança de dois mil anos:
De ser um povo livre
em nossa terra,
A terra de Sião e Jerusalém.

Muitos caminhos seguem me levando para aquela simbólica esquina: Esperança e Liberdade. Ou Liberdade e Esperança.

O interesse pela teoria vincular de Isidoro Berenstein e Janine Puget, sobre a qual me debruço nos últimos anos, está atravessada pela esperança em sua raiz, mesmo sem mencioná-la explicitamente. O novo, radicalmente novo, pode e deve ser transformador. Nosso trabalho como psicanalistas está na esquina da rua Esperança.

Finalizo lembrando, com emoção, que uma paciente, às voltas com suas dificuldades para engravidar, adotou um cachorrinho ao qual "batizou", após pesquisas, com a tradução mais sonora que ela e seu marido encontraram para a palavra Esperança.



Esperança

Augusta Gerchmann

Membro Titular e Didata da SBPdePA

O nascimento de uma criança é sentido, em geral, como um prenúncio de vida que se renova a partir de uma força prenhe de desejo, desejo gerador desse novo ser. Esse bebê que vem ao mundo determina, inexoravelmente, a continuidade das gerações que o antecederam. Ao longo do período gestacional, a gestante espera que o ciclo se complete, estabelecendo uma relação “no imaginário” com o feto que alberga. Essa espera corresponde a uma condição de expectativa para que esse encontro aconteça, expectativa que corresponde ao desejo do encontro.

Essa é a natureza humana, e nos remete a sua condição inicial, marcada pelo desamparo, incerteza, momento de espera por outro, semelhante e empático a ele, que atenda suas necessidades, libidinize seu corpo, despertando sensações de saciedade e prazer.

A natureza humana apresenta alguns atributos comuns à espécie e conserva um tanto de singularidade, pelo que possui de constitucional, sobre-determinam-se a elementos que são transmitidos desde antes do nascimento, a partir de herança genética, geracional, acrescentados aos fatores que participam e influenciam no encontro com o meio, que correspondem às ocorrências acidentais.

As primeiras vivências, quando o bebê não sabe nomear sua demanda, mas aguarda que sejam atendidas as necessidades imperiosas, podem se transformar em experiência de satisfação – prazer – ou experiência de frustração/dor – desprazer. Como, de chegada, o ser humano só é capaz de reagir aos estímulos externos, fugindo deles, por arco reflexo, necessita

contar com um auxílio alheio para livrar-se das quantidades internas de tensão produzidas pela fome, pelo frio, pelo desassossego. A repetição desse cuidado externo promove uma significação crescente da realidade que o cerca, mas, sobretudo, promove uma mudança no interior. Através dos órgãos sensoriais, a percepção do vivido é posta em marcha, deixando registros mnêmicos, impressões que ainda não são compreensíveis. O que ocorre que não é percebido, no entanto, deixa as marcas mais indelévels que o humano carrega dentro de si, pela incapacidade de dar representações psíquicas.

A **mola secreta e propulsora** do humano é a pulsão (**trieb**); nasce como um esforço constante de trabalho imposto ao psíquico por sua ligação com o corporal, para ser representado. Piera Aulagnier é contundente ao afirmar que o humano está “condenado a investir” nas e pelas demandas que se impõem precocemente, ao dispor de outro que tem a possibilidade de dar representação ao encontro.

Quando algum investimento pode ser compreendido e atendido por esse outro, um vínculo se estabelece, e o prazer do encontro pode ser compartilhado, gerando um sentimento de estima. Não há possibilidade de desenvolver-se a autoestima quando o suporte confiável não existiu, causa de desesperança e predomínio da pulsão de destruição, uma vez que é através do objeto a que a pulsão se liga que temos notícias dela. A ausência de um mínimo de cuidado necessário impede o reconhecimento da própria existência; o preço a pagar para obtenção de um recurso excede as capacidades do sujeito, e o estado de falta se degrada sob o efeito da raiva impotente que ele mobiliza. Suspensa a capacidade

de criar e de se mover, o que se buscam são alternativas para dar cabo ao sofrimento.

Sendo assim, como Freud ponderou, é preciso lidar com o problema da domesticação da pulsão, cuja finalidade é inibir, quanto ao seu objetivo, as tendências destrutivas da pulsão de morte, desde muito cedo.

Essas experiências inaugurais tornam-se a face oculta da condição humana, participam da constituição da subjetividade, bem como podem determinar patologias mais regressivas, relacionadas à interioridade primitiva do eu. Essas primeiras relações traçam um tanto do futuro do ser humano, pois o ser incipiente é afetado continuamente pela presença ou ausência do outro. Trata-se de encontro imprescindível, quando o outro faz o investimento pulsional de vida, tornando-se o objeto da identificação primária.

Da mesma forma, o humano não nasce aparelhado para perceber a passagem do tempo e, sem sentir, desloca-se continuamente no eixo da temporalidade. Por um período, o meio familiar pode oferecer continuidade no tempo, enquanto o sujeito não é capaz de mover-se sozinho e sem as balizas exigidas para a convivência em grupo. Desadaptado e sem proviões que possibilitem lidar com os estímulos que o mundo oferece, paulatinamente desenvolve condições intelectuais e físicas para sentir-se pertencendo ao contexto cultural.

O ser humano afetado pela persistente sensação de desamparo que não pode ser remediada está impedido, por causas internas, de buscar caminhos alterna-



tivos que tornem suportáveis as lembranças do seu desvalimento inicial da infância, mas, sobretudo, lembranças que lhe assegurem a própria existência no oblíquo desejo de ser feliz. Não se torna possível lembrar um passado, nem ver um presente que permanentemente se renova. Como disse Freud em *"O futuro de uma ilusão"* (2014 [1927], p. 251), o patrimônio histórico do ser humano pode protegê-lo em duas direções: "contra os perigos da natureza e do destino e contra os danos que provêm da própria sociedade humana".

Quanto à sociedade, o fenômeno acontece de tal forma que, por vezes, a sensação que se tem é de não estar lidando com o humano. Nas palavras de Bauman (1998 [1989], p. 237): "A coisa mais cruel da crueldade é que desumaniza suas vítimas antes de destruí-las. E a mais dura das lutas é continuar humano em condições desumanas".

Ao longo de sua obra (1910, 1912/1913, 1916/1917, 1924, 1930), Freud utiliza-se da expressão *ananke*, retratando a luta que o ser humano trava para defender seu narcisismo, pelo fato de as pulsões não se submeterem pacificamente ao destino. Argumenta teoricamente a necessidade inalterável que domina a vida, personificada no destino. Exemplifica em artigo sobre Leonardo da Vinci (1910), o qual abandonou a visão de mundo cristã por influência de seus estudos. Para Freud, o sujeito vive um conflito entre a libido que quer satisfazer-se e o ideal do eu que o impele a resignar-se, submetendo-se à fatalidade, ao destino, às leis da natureza.

Em *O Ego e o Id*, Freud (1923, p. 65) assevera que "o homem normal é não só muito mais imoral do que acredita, mas também muito mais moral do que sabe". Dessa forma, à medida que o Eu pode saber mais de si, ou seja, "onde era Id, Eu vir a ser", os impulsos podem ser controlados, não necessita bus-

car situações de expiação, responsáveis por sofrimento e desajuste social.

Dito de outra forma por Kierkegaard (2015, Vinicius X. Hoste, V.X.), a vida só pode ser compreendida olhando-se para o passado, mas só pode ser vivida olhando-se para o futuro. Como teólogo, ele coloca mais acento na fé e na crença de algo superior que regem os mortais, o que não é seguido pelo pensamento psicanalítico.

Para a Psicanálise, o mundo dos humanos, um tanto desumano, é entendido como um jogo de forças no mundo interno, jogo esse não apenas regido pelo desejo de satisfação, através da modulação princípio do prazer/desprazer vs. princípio de realidade. Freud compreende, a duras penas, que a pulsão, prioritariamente, exerce uma força que se move ligando a libido ao objeto, corresponde ao intrincamento da pulsão. Paradoxalmente, o desintrincamento pulsional significa um movimento que desliga a libido do objeto – expressão da pulsão de destruição ou de morte. A indiferença trabalha assim silenciosamente, até anunciar a morte.

Como fenômeno que se alastra, a vida não dá trégua e acompanha-se uma realidade marcada por desastres ora naturais, ora orquestrados, por tragédias motivadas pela revolta e pelo ressentimento dos excluídos, pela falta de comprometimento de uns com a vida do outro, acusando a falta de reconhecimento de que o ser humano existe e deveria ser respeitado. Tratando do que está ao alcance do homem, importa atentar para não se banalizar o mal, o descuido com o alheio, que produz maior mal-estar, pela falha na repressão e pelo desligamento da pulsão, cuja representação presenciada é quase uma barbárie "em escala pessoal".

Ao se entender que o ser humano é um ser altamente especializado, capaz de construir, mas também de destruir, percebe-se a complexidade que envolve sua

existência, movida bem mais por motivações inconscientes que podem vir a se tornar representáveis. A partir do conhecimento das representações tornadas conscientes, pode-se usar de seu potencial criativo como instrumento para negociar entre o desejável e o possível, no contexto individual e grupal. O princípio do prazer tornar-se-á guardião da vida, por meio da reivindicação que a libido faz através dele, negociando e tolerando com a influência do mundo externo, por meio do princípio de realidade, a diminuição e o adiamento da descarga, ao aceitar um tanto de tensão provocada pelo desprazer (Freud, 1924, p. 187).

Marília Aisenstein segue a ideia de Freud, complementando que "a espera dolorosa da criança que tem fome e alucina o prazer do peito deve – para ser tolerável – ser investida masoquisticamente. Há que existir um masoquismo originário para investir a espera, o desejo, o pensamento, a via de trabalho psíquico" (Aisenstein, 2014, p. 259). Para a autora, a passagem do estado de necessidade urgente ao surgimento do desejo pode ser compreendida através desse masoquismo erógeno primário, pelo investimento dessa mãe na espera, isto é, através de seu trabalho psíquico em dar representação à vivência, por meio da palavra, proporciona integração da capacidade de espera para o bebê. Assim, o investimento do tempo esperado, inicialmente movido pela necessidade, fundamenta o desejo.

A clínica atual é marcada por um mal-estar individual, em um cenário cultural que vem perdendo, "a galope", seus valores éticos e morais, envolvendo-nos diretamente, como sujeitos da cultura. Ainda assim, a esperança segue alinhada ao desejo de cura, sem, todavia, sabermos o que cura a Psicanálise. O desejo do analista acompanha o desejo do analisando, nutrindo-se por ele um respeito e carinho para acompanhá-lo na

busca de sentido para seu sofrimento e na conquista de liberdade para enunciar seu desejo.

Conforme Rolland (2017), a esperança nasce e renasce com a liberdade dada à enunciação. A esperança é a confiança reencontrada na palavra, por sua vez articulada pela fala através de uma língua que já estava lá, permanecia como que desabitada porquanto seu provável morador não estava ainda capacitado para habitá-la. Para que a fala seja colocada em marcha, ela necessita ser estimulada, passar por um processo de maturação, mas, sobretudo, de encontros afetivos.

Ambos, analista e analisando, querem sentir-se verdadeiros seres humanos, autenticamente livres, mantendo uma relação de intimidade no contexto de formalidade (Ogden, 1992), para que haja uma reciprocidade de investimento pulsional e representação psíquica.

Freud confiava que a inteligência do ser humano seria capaz de governar e conter suas pulsões através dos investimentos do ego, que, diferentemente do ideal narcísico que busca se sustentar na idealização da religião, não resistem à prova da realidade. Nessa perspectiva, o pensador elaborou a crítica à religião em seus escritos e, sobretudo, demonstrou com argumentos convincentes a falsa ilusão de que a religião seria capaz de suportar a dor do humano, por seu desamparo. Para ele:

quanto menos se sabe do passado e do presente, tanto mais incerto é o juízo acerca do futuro. . . . porque precisamente nesse juízo intervêm, de uma maneira difícil de avaliar, as expectativas de cada sujeito; e estas se relacionam a fatores puramente pessoais de sua vivência, à sua atitude de maior ou menor **esperança** diante da vida, tal como lhe foi dada pelo tempe-

ramento e pelo sucesso ou fracasso. (Freud, 1927, p. 232)

Segundo o pensamento de Heráclito (apud Japiassú e Marcondes, 2008, p. 91): “[a] esperança é o estofo de que nossa alma é feita; é um outro nome da exigência de transcendência, pois é a **mola se-creta** do homem itinerante”.

Apesar de Freud (1927) reconhecer quão difícil era resolver pequenos ou grandes problemas, parecendo-lhe insolúveis por algum tempo, não desistia de pensar que um dia poderia ser desenterrado um tesouro que enriqueceria bem mais a cultura, tesouro esse que dizia respeito a uma educação sem religião, motivo pelo qual mantinha sua esperança no futuro.

Em *Mal-Estar na Cultura*, Freud (1930, p. 39) discorre sobre a posição central do amor na conquista da arte de viver, através de uma atitude estética para com o objetivo da vida, apesar de ameaças de sofrimento. Aduz que “. . . a felicidade na vida é buscada sobretudo no gozo da beleza, onde quer que ela se mostre a nossos sentidos e nosso julgamento, a beleza das formas e dos gestos humanos, de objetos naturais e de paisagens, de criações artísticas e mesmo científicas”.

Freud esperava que o homem civilizado pudesse encontrar a felicidade – considerada inteiramente subjetiva – através das normas culturais que garantiam a ordem coletiva e as restrições individuais, como forma de controlar o impulso à liberdade e domar a hostilidade residual primitiva. Assim, para ele, a civilização teria duplo objetivo:

“a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si” (Freud, 1930, p. 49).

Por fim, defendeu que *Eros* e *Ananke* tornaram-se os pais da

cultura humana, ao unir a necessidade do homem em trabalhar sem dispensar o amor de seu objeto sexual, a mulher, que, por sua vez, não abriria mão de seus frutos – os filhos (Freud, 1930, p. 63). Se assim se constituiu a família na comunidade cultural, no passado, a passagem do tempo levou a muitas novas configurações familiares e, sobretudo, a encadeamentos muito diversificados do sujeito singular da cultura contemporânea.

Para fazer frente a tantas reviravoltas culturais e a suas consequências sobre o sujeito, Roussillon (2014) considera necessário ampliar o dispositivo analítico, pois, quando a agonia não é analisável, não é interpretável, solicitando simplesmente uma presença e um compartilhamento de afeto. Nas situações de desamparo primário que apresentam marcas mnêmicas da experiência de satisfação em relação a um objeto, apesar de caracterizar um estado de falta, o sujeito preserva um estado de esperança em relação à representação de um objeto de recurso. Se o objeto de recurso sobrevive ao desamparo e à falta, fornece em tempo uma resposta satisfatória que apazigua o estado de tensão, podendo fornecer o suporte do processo de socialização, mesmo que fundamentada no reconhecimento da falta.

A demonstração mais contundente para nossa esperança reside no reconhecimento, por um lado, de inenarráveis situações de crueldade, produzidas pelo homem e, por outro, na nossa não desistência em dar crédito à capacidade de inteligência da natureza humana. Estamos constantemente em busca de novas respostas a velhas questões que insistem em se repetir, pelo fato de dizerem respeito à natureza frágil, mas indomável, da condição humana.

Por onde encontro esperança?

Carmen Prado Nogueira

Membro do Instituto de Psicanálise da SBPdePA

“Em tempos sombrios, a definição de boa arte pareceria ser a arte que localiza e aplica uma ressuscitação cardiorrespiratória àqueles elementos do que é humano e mágico que ainda vivem e brilham apesar da escuridão do tempo”.

David Foster Wallace

romancista, contista e ensaísta americano

Para escrever este texto sobre esperança, penso se devo escrever algo técnico, algo clínico, buscar ajuda com os poetas, olhar os amigos, a vida cotidiana, dentro de mim... Então, penso que tudo isso vai estar aqui de qualquer forma, pois a esperança está em todos estes lugares. Pode estar mais ou menos escondida, em maior ou menor quantidade, mas quando e onde está, ela está com certeza fazendo a diferença. Quando alguém pode ousar, criar, se inspirar e não ter medo, a esperança está presente.

Acho que tudo isso é o que me leva à Psicanálise todos os dias, pois a Psicanálise é uma ciência, ou uma arte, que teve e tem sua história sempre conectada ao tema da esperança.

Afinal o que nos faz abrir aquela porta todas as segundas-feiras, seja mais ou menos cedo, acender luzes, arrumar um ambiente adequado, acolhedor, se não a esperança que temos de que podemos, de alguma forma, trabalhar com cada uma das pessoas que vão estar ali conosco para que elas sofram menos, amem mais, vivam melhor, criem mais, façam menos

mal a outros, trabalhem mais produtivamente, possam ter amigos, consigam ter prazer em sua própria companhia?

Quando Freud começou a trabalhar com suas primeiras pacientes histéricas, naquelas mulheres surgiu a esperança que veio de alguém que as ouviu e tentou compreender e ajudar. Desde então, a Psicanálise busca conseguir ouvir, entender e alcançar mais pacientes, diferentes pacientes, tentando ampliar este começo que Freud fundou com tanta garra, criatividade e perseverança.

Precisamos que mais e mais pensadores da Psicanálise sigam sendo curiosos e esperançosos como Freud foi. Que não fiquem presos nos passos que ele não pôde dar, nos caminhos que ele não pôde percorrer. Que aceitem o desafio – como Melanie Klein, Winnicott, Bion, Meltzer, Ogden, Green, Lacan, Berenstein, Puget, entre outros assim têm feito – de ir além, de pensar os pacientes que ele não pensou, pesquisar o que ele não teve tempo de buscar.

E, às vezes, nossa tarefa é tão árdua e nos vemos frente a tantas situações em que o abandono, o descuido e a violência se colocam tão presentes na clínica que precisamos de muitos pensadores para nos ajudar a enfrentar estes desafios. Cada um de nós vai buscar as ideias, conceitos ou enfoques que melhor sinta que possa iluminar seu caminho.

Para mim, nestes momentos, o que penso ser fundamental para que se possa combater esse descuido, essa violência, se constrói necessariamente através do enfoque do vincular. E foi, entre tantos enfoques, a teoria vincular de Isi-

doro Berenstein e Janine Puget a que mais me trouxe essa marca de esperança em momentos em que vivenciei a necessidade de reconstruir subjetividades junto aos pacientes.

Colocando assim algumas ideias de Berenstein e Puget, eles nos oferecem uma visão de constituição de subjetividade que pode ser enriquecida, ainda, mais e mais vezes a partir da possibilidade da existência do *Vínculo*, em uma atividade que vem da produção de relações de sujeitos “entre dois”, a partir da qual ambos produzem novas subjetividades. Algo novo, que surge a partir da *Interferência* de um sujeito sobre o outro. Um e outro não serão os mesmos depois do encontro se o vínculo puder existir, se o *Ajeno* do outro for aceito. (Ajeno – alheio, o que é do outro com que não posso assimilar ou me identificar, algo que precisa um lugar.) Para Berenstein e Puget, cada encontro significativo implica uma nova possibilidade.

Esse enfoque, me parece, faz do “entre dois” um poderoso instrumento, pois não é o vínculo o que temos de mais valioso? Estabelecido o vínculo, quem sabe aonde ele pode nos levar? Mesmo que se olhe para trás e se compreenda o quanto o passado infantil é marcante, implacável, às vezes cruel e imutável, poderemos criar novas possibilidades para encontrar, com nossos pacientes, com nossas análises, com nossas vidas, aquela danada daquela esperança.

Fechem a porta e bom trabalho!



A Esperança

Lasciate ogne speranza, voi ch'intrate

Dante Alighieri

César Augusto Antunes

Membro Titular da SBPdePA

Provavelmente a melhor forma de iniciar um texto psicanalítico, ou dirigido a psicanalistas, mesmo quando o tema envolve um conceito não analítico como o conceito de esperança, é começarmos por Freud. Entretanto faremos uma pequena pausa em nossa teoria-primeira e vamos esclarecer um pouco do que falamos.

No primeiro de todos os livros, se não o mais antigo, o mais lido, *A Bíblia*, encontramos este termo fazendo parte das três grandes virtudes, a Fé, a Esperança e o Amor. A fé pode ser entendida como ausência de dúvida; como aceitação incondicional a um conceito ou a uma ideia; como uma verdade inquestionável ou uma crença sem qualquer tipo de prova. Amor, por sua vez, poderíamos descrever como um sentimento de origem libidinal, como pulsão sexual de fim inibido, como uma sublimação do erótico. Deixamos a esperança, por último, fiel ao dito popular, "a esperança é a última que morre", mas também por ser o fulcro de nossa digressão.

Spinoza relaciona esperança e medo, dizendo que uma existe em relação com a outra, são opostas e complementares. Diz ele: "... esperança nada mais é do que uma alegria instável, surgida da imagem de uma coisa futura ou passada de cuja realização temos dúvida. O medo, por outro lado, é uma tristeza instável, surgida igualmente da imagem de uma coisa duvidosa. Se desses afetos excluirmos a dúvida, a esperança torna-se segurança, e o medo, desespero, quer dizer, uma

alegria ou uma tristeza surgida da imagem de uma coisa que temíamos ou de uma coisa que esperaríamos".

Porém pensamos, partindo de Spinoza, na impossibilidade de haver esperança sem medo; tanto o medo de não conseguir a coisa futura, a não realização do desejo, a frustração e o desamparo, quanto o medo do que fazer com a conquista do almejado pela esperança; em certas situações, a tristeza do não, é menos angustiante do que o cobiçado sim. Resta pensar se é possível construir uma esperança sem dúvida. Talvez este seja o caso da fé religiosa, mas não cabe aqui desenvolver estas reflexões. Quanto ao destino do medo, sem a dúvida, gerando desespero, iremos desenvolver mais adiante.

Em sua origem, o sentido de esperança (spers) se aproximaria de esperar, mas não pode se confundir com uma capacidade passiva de espera, como no dito popular: "quem espera sempre alcança" e sim no sentido de ter fé ou crença, ou seja, uma capacidade de tolerar o medo e a frustração que poderá advir desta confiança na satisfação futura. Portanto se aproxima mais de um sentido de desejo, de expectativa, do que de um esperar aleatório e ligado à sorte ou às circunstâncias. Esperar sem desejo ou expectativa é então o contrário de ter esperança, é uma espera vazia, uma desistência, manifestação de ausência de representação, um conformismo e resignação diante das circunstâncias da vida, uma defesa contra o medo. Quem não tem esperança não tem medo, pois já abriu mão dos investimentos da vida.

E então Freud.

Diz ele que, ao nascer, a cria humana encontra-se em total desamparo, pois sua prematuridade lhe impede suprir as necessidades iniciais por esforço próprio. Assim, diferentemente de outras espécies, o auxílio alheio, a ação específica do objeto externo, será vital para a sua sobrevivência. A vivência de completa passividade ou incapacidade para fazer frente aos estímulos intensos dos primeiros momentos estabelecem raízes, de amor e gratidão, em função da satisfação oferecida pela ação específica do objeto. Por outro lado, a incapacidade do agente externo, seja por não querer, seja por não poder atender a totalidade das demandas pulsionais do recém-nascido, institui também vínculos de ódio e de inveja e lança suas marcas neste encontro. Não desejamos descrever agora todo o processo de identificação e construção narcísica do Eu, mas sim ressaltar a passagem de uma posição passiva inicial para a busca ativa por satisfações que, se em algum momento foram vitais ou necessárias, posteriormente cederam espaço à busca por algo que, se não é necessariamente vital, é intensamente prazeroso. "Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer" (Freud 1930).

No "Projeto de uma Psicologia" comenta que o pensar judicativo se antecipa ao pensar reprodutivo. "Se, após a conclusão do ato de pensar, chegar o signo de realidade para a percepção, obtém-se o



juízo de realidade para a percepção, a **crença**, e alcança-se a meta da totalidade do trabalho.” A meta do pensar é estabelecer a existência real do objeto, mas Freud não acredita que isto seja possível, o mais próximo que o pensar alcançaria é a crença na existência do objeto externo. Assim, para Freud, a crença e a esperança sustentam a busca ou a espera pelo objeto de satisfação até que signos da presença externa permitam o livre curso do desejo. Por isto, posteriormente dirá que o juízo de atribuição antecede o juízo de existência. Aliás, podemos pensar que o objeto real só se revela por seus atributos e não por sua existência. Em contraste, o juízo de atribuição apoia o pensamento no sentido de buscar a transformação do real para que este se aproxime, cada vez mais, daquilo que é desejado. Antes mesmo que uma coisa exista, na realidade, inventamos ou a imaginamos e, conseqüentemente, desejamos e sustentamos a esperança de alcançá-la.

Se o homem fosse um ser da natureza, as questões discorridas aqui seriam bem mais simples. Um ser da natureza tem instintos e não pulsões; tem necessidades e não paixões. Somos seres da cultura. Há muitos séculos deixamos para trás a horda selvagem e passamos a viver em sociedade. Nossas necessidades cederam lugar para nossos desejos. Mas, para vivermos em sociedade, foi preciso domesticar os instintos, refrear os impulsos, conter e banir certas demandas internas. Estes processos estabeleceram-se ao longo de milhares de gerações, transmitindo características de funcionamento próprio desta espécie cultural, constituindo, primeiramente, um recalque ancestral (*Urverdrangung*), e posteriormente, interditos sociais e leis que impuseram ao homem renúncias à satisfação plena dos instin-

tos. O embate entre as proibições e a vontade de transgredir foi a base que consagrou a busca pelo prazer como um imperativo categórico da ação humana. É a busca pelo prazer e pela felicidade que nos condiciona a sermos seres de esperança.

Entretanto, em *O mal-estar na civilização*, Freud irá dizer que: “Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída no plano da ‘Criação’”. Isso se deve ao fato de existirem três fontes de desapontamentos e frustrações, o corpo – que envelhece – o mundo ou a vida em sociedade – que não atende ou corresponde às nossas expectativas – e nossos relacionamentos com os semelhantes. Diante de fontes constantes de sofrimento, a esperança de um dia ser feliz sustenta as agruras da vida. Os sofrimentos advindos das fontes de desprazer geram o medo de viver ou a desistência de ter uma vida que valha a pena. Assim a busca, ou o funcionamento psíquico baseado na busca, pelo prazer, como um princípio para a existência humana, se transforma, para muitas pessoas, em razão de viver. Toleramos vários graus de sofrimento se pudermos nos assegurar da ilusão, ou esperança que, em outro momento, ou até mesmo em outra vida, possamos ser felizes. Para Freud, então, a felicidade se relaciona com a experiência de intensos sentimentos de prazer.

As reflexões psicanalíticas, na medida em que aprofundaram suas observações sobre a conduta dos indivíduos, perceberam que, ocultos no interior do seu comportamento inconsciente, para além do que seu discurso relatava – querer ser feliz – se encontravam certos procedimentos que pareciam, muitas vezes, discordar deste princípio. Perceberam-se atitudes destrutivas e hostis, fossem elas

dirigidas a outros, fossem dirigidas ao próprio indivíduo. Deveríamos então levar em consideração um “mais além do prazer”; haveria algo estranhamente destrutivo ou mortal no comportamento humano. Uma pulsão de morte, uma ausência do desejo e da esperança se tornou então evidente na compreensão da conduta do ser vivo.

Neste ponto a Psicanálise se afasta da filosofia e atribui ao desespero uma relação com as pulsões destrutivas e não com a ausência de dúvida, como nos disse Spinoza.

Em sua prática diária, a Psicanálise tem que se haver com pessoas em tratamento no qual o final feliz nunca acontece, em que o analista precisa lidar com comportamentos que se apegam ao sofrimento e deles parecem não querer se afastar. A busca pelo prazer se transformou em busca pelo desprazer. Green então nos fala numa lógica do desespero. Afirma, baseado em Winnicott, que para algumas pessoas só é real o que se ausenta, só o vazio é verdadeiro. Green diz: “Talvez eles não perdoem ao objeto sua carência em satisfazê-los, sua ausência no momento em que precisam dele, mas também o fato de que esse objeto possa ter fontes de prazer além deles próprios, sem que possuam consciência dos mais mínimos ciúmes. Também parece que essa lógica do desespero tem uma meta constante: poder administrar a prova de que o objeto é realmente mau, hostil, incompreensível, tanto esses pacientes solicitam a rejeição por parte dos outros”. Para estas pessoas o amor é incapaz de ser alcançado, por isto estabelecer vínculos baseados no ódio é mais seguro. São pessoas que “amam” odiar. Para elas o amar não faz sentido e a ausência de esperança cede lugar à certeza do ódio. Uma consequência deste fato sustenta-se na observação

que os vínculos de ódio apresentavam mais resistência do que os amorosos. Parece que o amor gera insegurança e pode acabar, mas o ódio raramente frustra e está na base do comportamento paranoico da sociedade.

Compreendemos este funcionamento psíquico, sustentado pelo ódio, pelo viés da pulsão de morte; quando um impulso inconsciente carregado de aspectos destrutivos, mas minimamente atenuado por pulsão de vida, consegue enlaçar uma representação ao invés de destruí-la, teremos então, neste caso, expressões de antipatia, animosidade e rancor em relação ao outro. Quando a pulsão de morte não atenuada ou ligada pela pulsão de vida penetra em regiões onde se encontram as representações e as destrói, as consequências serão bem mais devastadoras. Sem representações que estabeleçam laços primários com o objeto teremos ausência de juízo de atribuição e, portanto, incapacidade para estabelecer juízos de existência para com o objeto. Este fato provoca a desobjetualização – para Green – ou a indiferença – para Freud. Sem objetualizações ou empatia para com o objeto encontraremos um ser sem medo, mas também sem esperança.

Em contraste com a lógica do desespero, encontraremos na teoria freudiana reflexões e observações que nos conduzem a pensar em outro tipo de lógica, estruturada em processos primários que buscavam satisfações, na qual o sujeito teria a convicção que, se os entraves e interditos fossem removidos, nada impediria a satisfação desejada. As frustrações vividas só aumentariam o grau de investimento psíquico rumo a este final

feliz. Esta seria a lógica da esperança (Green).

É preciso que a esperança vença o medo. Não no sentido de não se ter medo, mas sim no sentido de não se deixar paralisar pelo receio de frustrações ou fracassos. O medo, de alguma forma, protege o aparelho psíquico de ser invadido por processos inesperados e que, por isto mesmo, serão promotores de traumas. Apostar que algo pode dar errado é querer estar sempre certo, pois um desejo para se realizar necessita de várias circunstâncias, porém, para falhar, basta uma ocorrência. Destruir sempre foi mais fácil do que construir. Assim a lógica do desespero, a afirmação da incapacidade de o objeto atender as expectativas do sujeito garante um estatuto de verdade a quem se apegue neste fator, o fracasso. Como dissemos anteriormente, as causas do desampontamento humano provêm de várias fontes. A realidade se impõe com toda sua carga de tempo, de desejos outros e limites corporais e psíquicos.

Em uma visão psicanalítica, ao nascermos somos invadidos por quantidades de estímulos que ameaçam a vida e que são percebidas como sofrimento, região de pura pulsão de morte, melancolicamente destituída de prazer e júbilo. Sem representações ou lógica, esse é o “topos” de moções pulsionais, em que predominam forças destrutivas e disruptivas, o Isso mortal, sem piedade ou empatia. Somente o investimento alheio poderá resgatar o ser da ânsia de retorno ao inanimado. A função materna primordial é oferecer, através de ações específicas, representações de objetos capazes de criar expectativas quanto à exis-

tência de soluções para as demandas pulsionais. As pulsões enlaçadas por representações de objeto geram desejos de encontro, agora com o objeto externo, meta final destas demandas. Esta é a pulsão de vida e aí está a esperança.

Diante de tantas fontes de sofrimento e de dor, restam a esperança, o sonhar, o desejo que impele ao risco e a busca daquilo que Freud chamou de satisfação pulsional. O encontro da demanda pulsional, desejante e amorosa com a conquista e a satisfação almejada. Como outro dia me falava um adolescente com receio de chegar em uma menina: “O não eu já tenho, vamos então para a humilhação”. Mal sabe ele que isto, a coragem de arriscar, não é e nunca será humilhação, e sim, humildade. Humildade de ter esperança, de aceitar os limites e os riscos.

Para concluir retorno ao início, Dante às portas do Inferno, onde se lê:

Por mim se vai das dores à morada.

Por mim se vai ao padecer eterno.

Por mim se vai a gente condenada.

...

*Deixai, ó vós que entraís,
toda a esperança.*

Através de seus poemas ingressamos, em sua companhia, em um lugar sem fé, amor ou esperança, sem virtude por consequência, Ambiente de um padecer infinito e constante.

Para o grande poeta italiano, ao ingressarmos no inferno, devemos abandonar a esperança.

Porém pensamos em outro vértice para esta jornada. É a ausência de expectativa, a extinção do desejo e, conseqüentemente, a falta de esperança que fazem da vida um inferno.

Esperança: “memória do futuro”

Gley P. Costa

Médico psiquiatra e psicanalista. Professor da Fundação Universitária Mário Martins. Membro Titular da Associação Psicanalítica Internacional. Membro Titular, Fundador e Didata da SBPdePA.

Para enfrentar os traumas, precisamos contar com uma função do ego que se relacione com a sua própria historicidade, com o superego e com os ideais – e que não pode ser outra coisa senão o sentimento de esperança. Evidentemente, não como um valor teológico, mas como continuidade da confiança básica adquirida nos primeiros meses de vida. Apoiado nesse sentimento, o indivíduo tem fé na existência de objetos protetores e, a partir daí, adquire esperança, o que lhe possibilita imaginar a sua continuidade. Isso corresponde a uma parte fundamental da barreira antiestímulos, permitindo à pessoa pensar que, apesar dos obstáculos, vai continuar a viver. Segundo Gamondi (2005), a esperança é um dos elementos que organiza o superego, localizando-se no ideal do ego. Quando o superego não habilita a esperança, a vida perde sentido, como observamos em pacientes cujo pensamento expressa falta de ilusão e de ternura.

Chama a atenção que a história do significado da palavra “esperança”, de acordo com Brown (1975), indica que o seu conteúdo não é egocêntrico, exigindo sempre a participação de um objeto. A sua base é que aquilo que é esperado, não depende, portanto, da própria pessoa, do que ela possa fazer, mas de uma outra, reconhecida e capacitada. Trata-se de uma expectativa de que, no futuro, virá ajuda da parte de alguém que uma vez já a concedeu; não se encontra, logo, totalmente fora da realidade. A propósito, São João da Cruz (Século XVI) disse, em versos, que

“nosso ser vive entre a saudade – desejo do passado – e a esperança – memória do futuro”.

E m b o r a Freud, ao longo de sua obra, não tenha incluído a esperança entre os sentimentos humanos, podemos encontrar sua origem no conceito de “vivência de satisfação” – o primeiro tipo de sensação prazerosa proporcionada pela ação (específica) de um objeto que faz diminuir significativamente a quantidade de excitação experimentada pelo ego em um momento posterior ao trauma do nascimento e à denominada “alteração interna” (Freud, 1950[1895]). Trata-se de uma experiência cuja repetição se torna almejada ao longo da vida com diferentes objetos e nas mais variadas situações. Dessa forma, podemos dizer que é a relação inicial com uma mãe empática o que permite ao indivíduo enfrentar os traumas com esperança numa saída. A esperança, como disse Aristóteles, “é o sonho do acordado”.

Uma questão de fundamental importância que se coloca a propósito do tema da esperança é a existência desse sentimento na relação paciente-analista, na qual se apresenta como elemento indispensável no processo de mudança psíquica. É o analista que transmite ao paciente a esperança de se livrar de seu sofrimento, mas ele somente é capaz disso se possui a representação interna de um tratamento analítico pessoal verdadeiramente bem-sucedido. Na verdade, sem esperança, tanto do analista quanto do paciente, pode haver processo analítico, mas por certo não haverá mudança, e a análise tenderá a se tornar interminável ou terminada sem sucesso.



Movimentos da SBPdePA

Mudança de categoria

A SBPdePA informa que os Membros do Instituto Alinne Pinto da Silva e Iran Garayp tornaram-se Membros Associados em janeiro de 2019. Parabéns pela conquista!

Instituto

O Instituto de Psicanálise da SBPdePA informa que Carolina Freitas, Renata Britto e Renata Manica finalizaram os seminários teóricos. A comemoração aconteceu no dia 14 de dezembro de 2018, na festa de confraternização da SBPdePA.

Novos membros

O Instituto de Psicanálise da SBPdePA informa que Karla Aquino, Leticia Casagrande, Luciana Zamboni Busetti, Marcela Pohlmann e Thércio Andreatta Brasil passaram a ser os mais novos Membros do Instituto. Suas formações tiveram início no primeiro semestre de 2019.

Desejamos boas-vindas!

Início de seminários

O Instituto de Psicanálise da SBPdePA tem o prazer de comunicar o ingresso de seus novos Membros que iniciarão seminários em agosto de 2019: Adriano Amarante Aimi, Cristina Wünsche, Gabriela Seben, Giuliana Chiapin, Iuri Oliveira, Juliana Vitória e Karen Selister. Desejamos boas-vindas aos colegas!

É a psicanálise elitista?

Ramon Castro Reis

Membro do Instituto de Psicanálise da SBPdePA

Repetidamente ouvimos que a Psicanálise é elitista, no sentido de demandar tempo e dinheiro em quantidades alcançáveis apenas por um seletor grupo da sociedade. Porém, apesar de essa argumentação já ser relativa em si (uma vez que a impossibilidade de expansão psíquica, em vez de decorrer da escassez de recursos concretos, bem poder ser, pelo menos em parte, a origem dela), acredito que a questão possa ter um maior alcance se considerada de um ponto de vista um pouco mais abstrato.

Segundo o dicionário Aurélio,

elite (do francês *élite*) tanto pode significar 1) uma minoria prestigiada e dominante no grupo, constituída de indivíduos mais aptos e/ou mais poderosos, como também 2) o que há de melhor em uma sociedade ou num grupo.

Tendo em vista essa segunda acepção, se considerarmos como valores não apenas o ganho para si (e potencialmente para os outros) de se poder entrar em contato com os próprios desejos, afetos e limites, mas também o trabalho emocional que é necessário para se sustentar nesse caminho, podemos incluir o processo psicanalítico como uma das riquezas hoje disponíveis para a humanidade.

Assim, respondendo à pergunta do título, podemos afirmar que, sim, a Psicanálise é elitista. Porém, diferentemente de um elitismo exclusivo, que, como uma porta com senha, reserva seus privilégios a um grupo eleito de antemão, separado dos demais por sua seleta procedência familiar e social e por sua privilegiada condição financeira, a Psicanálise é de um elitismo inclusivo, pois está aberta a todos aqueles que se dispuserem a enfrentar os desafios que o caminho em busca da própria riqueza íntima impõe.



O mestre e as motivações

Celso Gutfreind

Membro Titular e Didata da SBPdePA

No começo dos anos noventa, no primeiro dia do curso de Especialização em Psiquiatria, na Fundação Universitária Mário Martins, o professor David Zimmermann pediu que nos sentássemos em círculo e cada um falasse sinceramente sobre as suas motivações para estar ali.

Todas as respostas foram nobres, elevadas, alvissareiras, de deixar o mestre orgulhoso de seus novos discípulos. Um disse que estava ali porque gostava de gente, outro que preferia ouvir a falar, outro que o objetivo maior de sua vida era ajudar o próximo.

A minha resposta, pouco distante do clima, nada deixou a desejar para o espírito altruísta da turma. Eu disse que a escolha da psiquiatria aproximava-se da pai-

xão pela literatura e que parecia haver pouca distância entre elas como nos exemplos de nossos dois conterrâneos, o Dyonélio Machado e o Cyro Martins. David comentou: - Meus amigos, a quem admirei e invejei a capacidade de escrever.

E, quando o círculo de respostas encerrou-se e achamos que partiríamos para o próximo tópico, David retomou a palavra e disse que agora era a sua vez de lembrar as suas próprias motivações para se tornar um psiquiatra. E, sem causas mais elevadas, contou que ingressou na psiquiatria para entender o seu próprio sofrimento e o de sua família que tivera a qualidade de lhe abrir essa bela oportunidade.

O mestre foi direto ao ponto, de maneira informal e sem rodeios. Fez-se um silêncio na sala, daqueles em que os ouvintes saboreiam

o que gostariam de ter dito, mas não tiveram acesso ou coragem para tal.

No meio dos anos dois mil, no primeiro dia de formação em Psicanálise na Sociedade Brasileira de Psicanálise, David Zimmermann já não estava entre nós. Aquela pergunta inicial não foi feita, pelo menos não externamente. Por dentro, eu a refazia, contente daquela raridade de uma questão que já chegava com uma hipótese para a resposta. Fazer Psicanálise, naquele momento, nada mais era do que aprofundar as motivações expostas sinceramente pelo mestre.



Centro de Atendimento Psicanalítico

Christiane Paixão

Membro Titular da SBPdePA e Diretora do CAP

Se quisermos atender às exigências mais rigorosas feitas à terapia psicanalítica, nossa estrada não nos conduzirá a um abreviamento de sua duração, nem passará por ele. (Freud, 1937)

A clínica é a razão principal de uma formação analítica. Tudo converge pra ela, para o nosso fazer clínico e para saber fazer com o próprio inconsciente ao escutar o outro. O Centro de Atendimento Psicanalítico participa desse processo na medida em que possibilita, através do serviço de recebimento de analisandos, uma experiência clínica diversa.

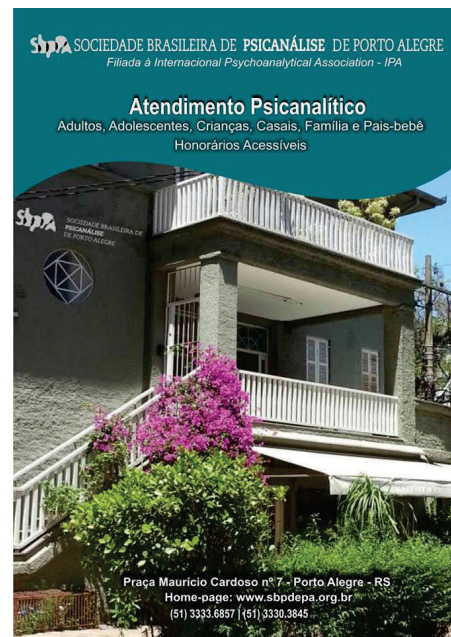
Uma das questões que surgiram em nossas reuniões mensais é **“como colocar o paciente em análise”** quando ele não sabe no que isso consiste – parafraseando Danielle Quinodoz. Diante de algumas interrogações do grupo pensamos em propor um eixo de trabalho para os próximos meses desse ano que inclua a teoria,

a clínica e a vasta experiência de colegas analistas.

Assim, a primeira atividade ocorreu no dia 23 de maio quando recebemos Leonardo Francischelli para conversar sobre sua proposta “o trabalho de colocar o tratamento no paciente”, materializada no livro de sua autoria *Amanhã, psicanálise! O trabalho de colocar o tratamento no paciente*. Nesse dia contamos com a participação de muitos colegas interessados em debater sobre todas as questões envolvidas nas entrevistas iniciais e que podem ou não desembocar numa análise. Acreditamos que todos os presentes puderam aproveitar a experiência do Francischelli independente da parte do caminho em que cada um está.

Para dar seguimento no dia 11 de julho faremos uma segunda rodada com o convidado, agora à luz de um material clínico de início de tratamento. Convidamos os colegas a participarem, lembrando que essa atividade não se circunscreve aos membros do CAP.

Para agosto e setembro outras



atividades estão previstas, quando também contaremos com a presença de um colega com vasta experiência analítica.

Por último, gostaríamos de lembrar aos colegas que o Centro de Atendimento está aberto para receber encaminhamentos de pacientes para análise.

Um forte abraço!

Notícias do Núcleo de Infância e Adolescência – NIA

O NIA começou 2019 trabalhando em três projetos que serão realizados no segundo semestre.

Uma novidade é que o Coor-



denador da Comissão de Infância e Adolescência do Instituto de Psicanálise da SBPdePA, César Antunes, está participando quinzenalmente de nossas reuniões, nos proporcionando uma maior oportunidade de trabalho integrado com o Instituto.

Estamos também estudando os temas da futura jornada da SBPdePA, no grupo coordenado pela nossa presidente, Ana Paula

Terra Machado.

Tendo em conta que o estudo de infância e adolescência é de fundamental importância para quem trabalha com Psicanálise, procuramos preencher este espaço de forma lúdica e criativa. Para isso, contamos com a participação de todos os colegas em nossas atividades, o que enriquecerá as discussões e o aprendizado.

XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise

Aline Santos e Silva

Membro do Instituto de Psicanálise da SBPdePA

Entre os dias 19 e 22 de junho ocorreu o XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise, em Minas Gerais. Com o título "O Estranho - Inconfidências", o congresso homenageou os 100 anos do texto "O Estranho", de Freud, ligando-o à história mineira das inconfidências. Através da junção criativa destes dois temas, um mundo de possibilidades se abriu: pudemos pensar e confidenciar sobre o estranho/infamiliar na clínica, nos espaços institucionais, na cultura e na política. 1320 pessoas, de todo o Brasil, se fizeram presentes. Um dos grandes ganhos de participar de um congresso dessa magnitude é poder reconhecer as características continentais do Brasil. Na Psicanálise isso se traduz em diferentes *sotaques* psicanalíticos, diferentes acentos teóricos, mesmo com um fundo comum. É sempre revigorante, mesmo que muitas vezes desafiador, encarar o

diferente. "O Estranho", portanto, já se torna presente, de largada, em um evento assim.

Ao fim do congresso, em conversas informais no nosso grupo de *whats*, percebemos que contamos com a participação de mais de 60 colegas da Brasileira, em mesas-redondas, apresentando temas livres e coordenando atividades. Uma participação *teórica* significativa e que exemplifica o tanto que se produz. Mas, nessas conversas informais, percebemos também que, ao longo dos 4 dias de imersão na Psicanálise, construímos outro tipo de participação: ao entrar numa sala cheia e encontrar um colega, nos coffee breaks, na ida ao Museu de Inhotim, nos encontros pelos cor-

redores...

Uma vivência *in loco* da

sensação

de pertinência ao mundo psicanalítico, à Brasileira, e, em conjunto, um estreitamento de laços teóricos e afetivos. Nos dias que se seguiram, acompanhou-nos a sensação, um tanto indizível, que é bom "*fazer parte, neste momento, com estas pessoas*". O congresso de Minas Gerais nos brindou com momentos riquíssimos de discussão, encontro e *estranhamento*. E nos brindou com a arte mineira, que diz muito na voz de Milton Nascimento: "*Vou me encontrar longe do meu lugar... Eu, caçador de mim*".



Homenagens

Em maio, faleceu o psicanalista e professor Alberto Abuchaim, fundador da SBPdePA. Natural de Pelotas, formou-se médico pela Faculdade de Ciências Médicas de Porto Alegre e realizou o curso de psiquiatria na Universidade Federal

do Rio Grande do Sul. Fez sua formação psicanalítica na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, da qual era didata. Participou também da fundação do Instituto Abuchaim. O nosso querido professor e colega deixará saudades.



Também em maio, a Psicanálise sofreu uma grande perda com a morte do psicanalista, professor universitário e importante autor de teoria e técnica psicanalíticas, o nosso querido David Maldivsky. Maldivsky deixou uma obra extensa de livros publicados e, aqui na SBPdePA, inúmeros alunos e seguidores. Muitas

homenagens estão sendo realizadas a ele, aqui na Brasileira, onde ele estava confirmado para participar da nossa próxima Jornada, em setembro de 2019. Na jornada, o professor David será representado pela psicanalista Liliana H. Alvarez, estudiosa de sua obra. Sentimos muito a sua perda.

DIRETORIA CIENTÍFICA:

Grandes eventos, novidades, jornada 2019 - Brasileira em Movimento

Eliane Nogueira

Membro Associado da SBPdePA
e Diretora Científica

O ano de 2019 será de nossa jornada científica CAMINHOS DA DOR, no hotel Sheraton, nos dias 27 e 28 de setembro. O foco principal tem sido esse, trabalhando desde o ano passado junto com a comissão da jornada. Mas isto não impediu a comissão científica de tocar a agenda e embalar o ano com um grande evento de abertura, trazendo à Porto Alegre dois expoentes da SBPSP, Bernardo Tanis e Eliana Rache. Casa lotada para falar "Por que Roussillon?". Evento muito elogiado. Tanto quanto a homenagem que prestamos à nossa querida Ane Marlise, que ganhou o prêmio IPA e podemos apreciar antes do congresso de Londres o seu trabalho. Após, fizemos um brinde, que foi prestigiado por um auditório lotado, de pessoas vindo de inúmeras instituições psicanalíticas. A seguir outra atividade de peso, com a prata da casa fazendo o último evento pré-congresso da Febrapsi, "O estranho: Inconfidências", reunindo um time de primeira da metapsicologia freudiana da SBPdePA: Ignácio Paim Filho, lançando seu livro, com os comentários de Leonardo Francischelli e Loes Meller. Apresentação teórica impecável, debate profundo, atividade de alto nível.

Em 06/05, aniversário de Freud, tivemos a atividade conjunta com a SPPA chamada FREUD 24h, promovida pela Free Association, de membros da IPA. Um evento inédito, único em sua concepção, conectando 24 cidades ao redor do mundo durante 24hs do dia. Realizado na Unisinos, aberto ao público, foi um sucesso e renovou a parceria com a SPPA.

E chegou o grande dia do lançamento da jornada e o anúncio da maior novidade do ano, o lançamento do 1º livro em português de Marília Aisenstein, publicado pela SBPdePA. O anúncio foi feito por nossa presidente, Ana Paula Terra Machado, que também fez parceria com Gley Costa para apresentar os convidados da jornada (Marília Aisenstein, David Maldavsky e Admar Horn) aos presentes.

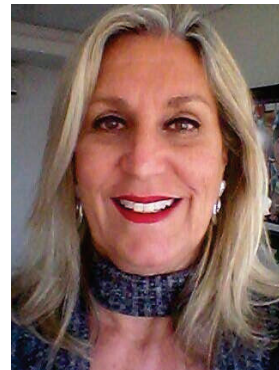
Diante de crescentes questionamentos sobre a regulamentação da profissão de psicanalista, a SBPdePA, SPPA, SPPEL e Febrapsi se juntaram em evento conjunto, dia 24/05, sexta-feira, na sede da SPPA, para debate e resoluções de ação. Após o lançamento da jornada, os eventos científicos se centraram no tema da psicossomática e tivemos a sexta científica específica, dia 07/06, que trouxe a Porto Alegre a psicanalista paulista Victoria Bé-

jar, na atividade "Dor psíquica, Dor corporal", do livro homônimo da autora. A última Roda de Conversa do semestre foi "Psi-

cossomática contemporânea", com Gildo Katz e Cynara Kopittke, que trouxeram o debate sobre o tema da jornada, sendo ambos expoentes no estudo da teoria psicossomática na SBPdePA.

O último evento do semestre será o Exercício Clínico, no dia 12/07, direcionado também ao tema, com um caso apresentado pela colega Maria Isabel Mattos e comentado por José Luiz Petrucci e Rosa Avritchir.

Este tem sido um semestre muito movimentado, importante em diversos aspectos porque temos eventos de grande magnitude na SBPdePA e com a expectativa crescente da nossa jornada. Queremos incentivar que todos se inscrevam para que possamos dar uma prova de pujança de nossa instituição! Rumo à Jornada 2019, CAMINHOS DA DOR!!



Comissão de relações com a comunidade

Mayra Lorenzoni

Membro Associado da SBPdePA e Diretora de Relações com a Comunidade da SBPdePA

A Comissão de Relações com a Comunidade neste primeiro semestre de 2019 vem desenvolvendo muitas atividades nos seus mais diversos segmentos voltados para profissionais da área “psi” e também da comunidade em geral.

No segmento “Grupo de Estudos” contamos com quatro grupos em pleno funcionamento nas cidades de Uruguaiana, Santa Cruz, Erechim (este na Coordenação da colega Renata Vives) e Florianópolis/Balneário Camboriú, os quais realizam-se nos sábados pela manhã no decorrer do ano. E mais recentemente, foram abertas as inscrições para o Grupo de Estudos que estamos inaugurando em Vacaria.

Temos contado com a participação dos colegas: Eliane Nogueira, Christiane Paixão, Augusta Gerchmann, César Antunes, Denise Zimpek, Laura W. da Rosa, Ignácio Paim Filho, Magda Martins Costa, Magda Walz, Astrid Ribeiro, Helena Surreaux, que se disponibilizam a viajar e coordenar estes estudos compartilhando seu conhecimento e sua experiência psicanalítica pelo Rio Grande do Sul afora e Estado coirmão.

Além dos demais grupos de estudos que se desenvolvem na sede de nossa Sociedade. São eles:

Desenvolvimento do Bebê de 0 – 3 anos, coordenado por Ester Melque Litvin; Patologias do Desvalimento, coordenado por Cynara C. Kopittke; Dinâmica das Relações Conjugais e Familiares, coordenado por Gley Pacheco Costa; Psicanálise e Reprodução Humana Grupo Pró Criar, coordenado por Katya de A.

de Araújo e Renata V. Vives; A Técnica Psicanalítica Hoje: Invariantes e Transformações, coordenado por Renato Trachtenberg; Psicossomática Psicanalítica, coordenado por Ana Paula Terra Machado; Transgeracionalidade, coordenado por Ana Rosa Trachtenberg.

O Núcleo de Estudos coordenado pela colega Denise Zimpek é outro segmento que trabalha com a comunidade de alunos das faculdades de Psicologia e áreas afins. Este Núcleo tem promovido cursos de verão e nas férias de julho, com o objetivo de introdução dos conceitos psicanalíticos. Para julho próximo, novamente abriremos curso.

O corpo docente está composto pelas colegas Denise Zimpek, Helena Surreaux, Gilda Soares, Maria Isabel Mattos, Rosa Avritchir, Heloisa Fetter e Vera Hartmann.

O Projeto Social é um dos pilares fundamentais das relações com a comunidade, coordenada pela colega Sandra Fagundes. A Comissão tem trabalhado na Oficina de Saúde Mental e Migrantes durante seminários promovidos para Ministério Público Federal do RS.

Participação de reunião com Asov (Associação Antonio Vieira - obra social da Companhia de Jesuítas do Brasil) sobre refugiados e migrantes como Akanni, ONG que trabalha com a questão étnica de gêneros e migrantes.

Está em curso:

- Preparação para a chegada de familiares de refugiados da América Central com a Asov, participação do plano de inserção deles a partir do vértice da saúde mental, subjetividade e Psicanálise;

- Elaboração da Oficina de Saú-



de Mental com a Akanni, dirigido a mulheres haitianas a partir de demandas delas.

Neste ano, a Comissão de Relação com a Comunidade, no dia 06 de abril, promoveu e organizou o “II Sarau da Brasileira na Praça” com o tema “Esperança: Espera ou Andança?!”.

Como convidados para o debate: Cristine Zancani (Dra. em Teoria da Literatura), Olavo Amaral (médico e escritor), Renato Trachtenberg (psicanalista da SBPdePA), Fábio Corsetti (Membro do Instituto SBPdePA e músico) e Ramon C. Reis (Membro do Instituto da SBPdePA e coordenador da discussão).

Fora um grande momento em que a Psicanálise, a poesia, a literatura, o diálogo e a música encontraram-se naturalmente, complementado pela presença do artista plástico Paulo Thomé, que pintou durante a atividade e trouxe outras perspectivas culturais para a troca com a comunidade que participou em grande número e forma muito expressiva.

E por que na praça?

A praça tem significado de contato com a cidade.

A praça é do Povo!

A Psicanálise é para o Povo!

No dia 25 de setembro de 2019, a Comissão promoverá a atividade pré-Jornada na sede da Brasileira com o tema: “Quando a dor caminha na pele”. Haverá a apresentação de um *conto* e depois um debate entre médicos e psicanalistas e terá como público-alvo a comunidade em geral.



Notícias da AMI

Diretoria da AMI

A diretoria da Associação dos Membros do Instituto (AMI) iniciou o segundo ano da sua gestão, participando, no mês de março, da atividade inaugural do semestre. Esta contou com a presença do Dr. Norberto Marucco, analista didata da APA. Os colegas da AMI participaram ativamente da discussão teórica e compartilharam sua vivência clínica nos três horários de discussão de casos que foram apresentados. A atividade foi seguida do almoço de recepção dos novos membros do Instituto que iniciaram seminários em nossa Sociedade. Ainda no primeiro semestre a diretoria da AMI esteve envolvida na organização da Regional Sul da

ABC, ocorrida em nossa cidade, na sede da SPBdePA. Vários colegas contribuíram com suas ideias nas mesas-redondas e agradecemos a todos a participação em tão relevante encontro.

Houve também o seguimento do projeto "Fale-me mais sobre isso", com a presença de Fernando Kunzler, que nos contou, com muita emoção, sua trajetória na formação psicanalítica.

No mês de maio, realizamos, em conjunto com a diretoria do Instituto e da Sociedade, a organização do Encontro com Fundadores, em comemoração aos 25 anos do Instituto da SBPdePA. Um momento histórico, emocionante e de muita sabedoria!



Nos dias 05 e 06 de julho, ocorrerá o 5º Simpósio interno da AMI, cujo tema será "Os sentidos da formação". Acreditamos que tais atividades são importantes para a discussão de aspectos relevantes à Psicanálise. A presença no 4º eixo, enfoque muito caro aos membros da AMI, é ponto nodal na aquisição da identidade psicanalítica e se reforça em encontros como estes.

Núcleo de Vínculos

Denise Zimpek

Membro Associado e Coordenadora do Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional da SBPdePA

O Núcleo de Vínculos está com um novo grupo de estudos. Desde abril, contamos com o ingresso dos colegas Iran Garayp, Mara Horta Barbosa e César Bastos em encontros que acontecem no mesmo horário do grupo original, nas segundas-feiras, das 13h45min às 15h.

Começamos o semestre com a grata presença on-line de Julio

Moreno (APdeBA) em encontros de estudos quinzenais, via Skype. Os temas desses encontros têm percorrido conceitos imbricados na vincularidade, como o pensamento associativo X pensamento conectivo, que também estão relacionados com o funcionamento psíquico marcado pela Pós-Modernidade.

Julio Moreno é médico e doutor em medicina. Fez pós-doutorado na Universidade da Califórnia em Los Angeles. É Membro Titular Didata da Associação Psicanalítica

de Buenos Aires, professor titular de Especialização em Psicanálise e de matérias Vínculo Parentofilial I e II do Mestrado em Família do Instituto Universitário de Saúde Mental (IUSAM), professor titular de Psicopatologia infantil de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia (Universidade de Buenos Aires) e na Especialização em Família na Universidade do Hospital Italiano. É também professor de cursos virtuais ministrados na Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO). Tem publicado numerosos trabalhos de ciências básicas e de Psicanálise; autor dos livros *Ser humano, la inconsistencia de los vínculos, la crianza*, da Editora Letra Viva (2002 e 2010 terceira edição) e *Tiempo y trauma: Continuidades rotas* (2010), da Editora Lugar, além de coautor de vários livros sobre Psicanálise.



Notícias do Instituto de Psicanálise

Encontro com Fundadores

O Instituto de Psicanálise da SBPdePA, alinhado à Diretoria da Sociedade e à Associação dos Membros do Instituto, comemorou seus 25 anos em evento nos dias 17 e 18 de maio último. Para celebrar esta importante data, organizou-se um encontro científico com os Membros que fundaram a Brasileira, forma de homenagear os colegas pioneiros, que muito trabalharam junto à IPA para a conquista de uma nova sociedade em Porto Alegre. A iniciativa partiu do desejo dos Membros do Instituto em conhecerem os fundadores, escutando-os cientificamente, quanto as nossas origens, como se encontra hoje a Sociedade e quanto ao futuro, marcando a transitoriedade – que foi o tema do ato de fundação.

O evento foi marcado pela

emoção do encontro entre os fundadores, com a primeira geração que hoje ocupa cargos, desde a nossa Presidente da Sociedade e sua diretoria, como a Diretora do Instituto e os responsáveis pelas distintas atividades no Instituto. Foi muito rico e emocionante, nesse encontro, tomar contato explícito com a passagem do tempo e viver sua renovação, assistindo a um fragmento dos pensamentos de cada um deles, entendendo como nos encorajaram a pensar e criar analiticamente. Foi motivo de orgulho e de podermos juntos pensar nas transformações que a passagem do tempo gerou dentro de cada um de nós. Saímos renovados, os Membros do Instituto satisfeitos, sobretudo,



pela escolha em empreenderem um longo investimento em sua formação, caminho que, sabemos, nunca tem fim, de construção do pensamento analítico e sustentação da clínica de forma livre e criativa, ancorada nos preceitos básicos da Psicanálise. Ao evento científico seguiu-se um almoço de confraternização.

Seminário Aberto - Módulo X

Psicossomática e seus (des)caminhos

Em agosto teremos, às segundas à noite, um seminário sobre psicossomática com uma especialista no assunto, a nossa colega e presidente da SBPdePA, Ana Paula Terra Machado.

Este tema é considerado muito importante na atualidade devido às dificuldades encontradas na clínica psicanalítica para o tratamento das pessoas com problemas na mentalização e transtorno psicossomáticos. Não perca!

SOCIEDADE BRASILEIRA DE
PSICANÁLISE
DE PORTO ALEGRE

Filiada à International Psychoanalytical Association - IPA
Filiada à Federação Psicanalítica da América Latina - FEPA
Filiada à Federação Brasileira de Psicanálise - FEBRAPS

PSICOSSOMÁTICA E SEUS (DES) CAMINHOS

SEMINÁRIO ABERTO - MÓDULO X | 20h30 às 21h45

Ana Paula Terra Machado (Membro
Titular e Didata da SBPdePA)

05.08.2019
Psicossomática: a história

12.08.2019
Caminhos para pensar
a Psicossomática

19.08.2019
Psicossomática hoje

26.08.2019
Desafios clínicos atuais

Local: Praça Dr. Maurício Cardoso, nº 7
Contato: 51 3333.6857 | sbpdepa.org.br
E-mail: comunicacao@sbpdepa.org.br
Vale horas complementares

Investimento:
Membros da SBPdePA - Isentos
Profissionais R\$ 200,00
Estudantes graduação R\$ 150,00

Formação integrada em Infância e Adolescência na SBPdePA

A Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre tem buscado, nos últimos anos, implementar um processo de formação integrada entre a formação psicanalítica tradicional e a formação de psicanalistas treinados para o atendimento de crianças e adolescentes.

Em 2004 criou-se o Núcleo de Infância e Adolescência com o intuito de despertar nos colegas em formação interesse por esta área de estudo e atendimento. Paralelo a este objetivo, buscou-se uma aproximação com a comunidade e com áreas afins.

Em 2016, graças ao trabalho incansável de colegas do NIA, agregou-se na estrutura da formação psicanalítica em nossa sociedade um espaço para estudos psicanalíticos referentes aos processos psíquicos em crianças

e adolescentes.

O instituto de formação assumiu a tarefa de oferecer seminários integrados à formação já existente baseados na proposta da IPA que constatou que os conceitos psicanalíticos sobre o desenvolvimento se configuram como parte importante da teoria psicanalítica. Assim o eixo de formação integrada em psicanálise da infância e adolescência foi aberto a todos os membros do Instituto e da Sociedade, podendo o membro do Instituto inscrever-se nesses seminários desde o momento que ingressa na formação.

A observação de bebês, por um ano, é obrigatória, sendo o segundo ano opcional. É exigida a supervisão de 50 horas para análise de criança e 50 horas para a análise de adolescente com um Membro Titular, analista de

crianças e adolescentes pela IPA e com função didática na SBPdePA. Os casos em análise deverão ser de três sessões semanais.

A cada semestre são oferecidos, pelo menos, dois seminários de formação estruturados na teoria psicanalítica de crianças e adolescentes.

Os seminários abertos deverão contemplar pelo menos um programa voltado para esta área. No presente ano, ocorrerá em outubro.

Assim vamos, pouco a pouco, atendendo a novas orientações da IPA e os anseios e demandas dos colegas em formação e também de membros da sociedade no sentido de oferecer conhecimento na área de infância e adolescência, complementando o que chamamos de formação integrada.

DIRETORIA DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE



Atividade Inaugural – Agosto/2019

Na atividade inaugural programada para 10 de agosto, contaremos com o Dr. Bernardo Tanis, Membro Titular e Didata da SBPSP e atual Presidente da entidade. O tema da conferência será “A análise do analista”, seguida de um exercício clínico.

Entrevista com Marília Aisenstein

Paris, 05 de junho de 2019

**Introdução de Eliane Nogueira,
Diretora Científica da SBPdePA**

Em setembro deste ano, em nossa jornada CAMINHOS DA DOR, receberemos como convidada especial a psicanalista da Sociedade de Paris Marília Aisenstein, que na ocasião também lançará seu primeiro livro em português, pela SBPdePA, intitulado "Dor e pensamento: psicossomática contemporânea". Para entendermos melhor as ideias desta importante pensadora, realizamos uma entrevista, feita por Vanise Dresch, em junho, na casa de Marília, na capital francesa. Ela nos brinda com um relato precioso de suas ideias e como está pensando em organizá-las para sua conferência na jornada. Além disso, discorre sobre o seu livro. É uma prévia do que teremos em setembro. Marília é hoje considerada um dos grandes nomes da Psicanálise. Vale a leitura e a jornada.

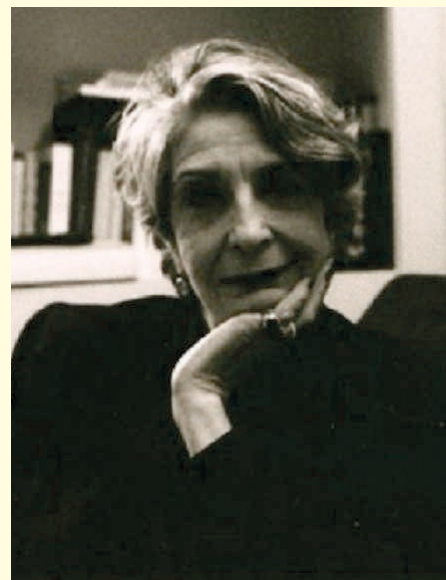
**Entrevista coletada e transcrita
por Vanise Dresch**

P- Como a senhora pensa o tema "Caminhos da dor"?

R- O belíssimo título escolhido pela SBPdePA baseia-se provavelmente no título geral que eu propus para o livro *Desejo, dor e pensamento*. Este título indica um processo, pois, como diz Freud no capítulo 7 de *A interpretação de sonhos*, um longo capítulo sobre o desejo, "somente o desejo move o pensamento". Então, o pensamento é uma das vias do desejo. Eu sempre considerei, no entanto, que pensar é um ca-

minho doloroso e me interessei muito pelo masoquismo, sobretudo, pelo masoquismo originário, que Freud descreve, em 1924, em *O problema econômico do masoquismo*. Ele diz: "Preciso reconhecer o que recusei até agora: a existência de um masoquismo originário". Freud descreve, então, o masoquismo originário como um estágio, à maneira do narcisismo primário, isto é, um estágio muito precoce em que a criança precisa integrar o masoquismo. Mas o que é o masoquismo para um bebê? É a possibilidade de esperar, porque o leite, o seio e a mãe não estão imediatamente disponíveis. Ora, para que seja tolerável para o aparelho psíquico do bebê, essa espera precisa ser investida de forma masoquista. Isso significa o início de um trabalho psíquico: "não recebo o alimento imediatamente, mas ele virá", "a mamãe não responde de imediato, mas logo responderá"... Acredito que esse estágio se estabelece graças às capacidades maternas. Uma mãe que dá tudo imediatamente não é uma boa mãe, uma mãe que faz a criança esperar durante muito tempo, além de sua capacidade, não é uma boa mãe... Uma mãe suficientemente boa, como diz Winnicott, é aquela que diz: "Espere, meu amor, já vai...", estou aquecendo seu leite, logo estará pronto...". Ela acalenta o bebê num banho de palavras.

Creio que isso é o investimento masoquista que permitirá algo fundamental, a alucinação dos desejos. Assim, a criança compreende que lhe falta algo ou alguém de imediato, mas é capaz de representar isso ("mamãe vai vir"). São suas primeiras representações mentais. Penso que não pode haver pensamento sem investimento de



uma espera dolorosa e da representação.

P- Fale um pouco sobre a relação entre dor psíquica e dor corporal.

R- Esta questão me parece complexa, pois a dor psíquica não se sobrepõe à dor física, pelo menos não necessariamente. Uma pode ser a expressão da outra, mas isso é muito aleatório e depende do momento, da patologia e da pessoa. Penso que a dor física em quantidade excessiva – evidentemente, tudo é uma questão de quantidade – pode abalar o aparelho psíquico e interromper o pensamento. Freud fala disso quando diz que uma depressão pode se concentrar no estreito orifício de um molar: quando temos uma dor de dentes muito forte, esquecemos que estamos deprimidos. Além disso, sabemos, principalmente sabem os psicossomatistas, quanto é importante ajudar nossos pacientes a dar representações à dor e a colocá-la em palavras. É uma questão complicada, porque, ao mesmo tempo em que digo que a dor está no fundamento do pensamento, junto com o desejo e a necessidade de tolerar uma espera dolorosa, se essa dor se tornar disruptiva, ela pode provocar um curto-cir-

cuito em qualquer trabalho psíquico. Então, com pacientes que sofrem de alguma dor, contar uma história sobre ela é algo que pode aliviá-los, mesmo que a dor persista, porque o aparelho psíquico tem paixão por encontrar sentido por toda parte.

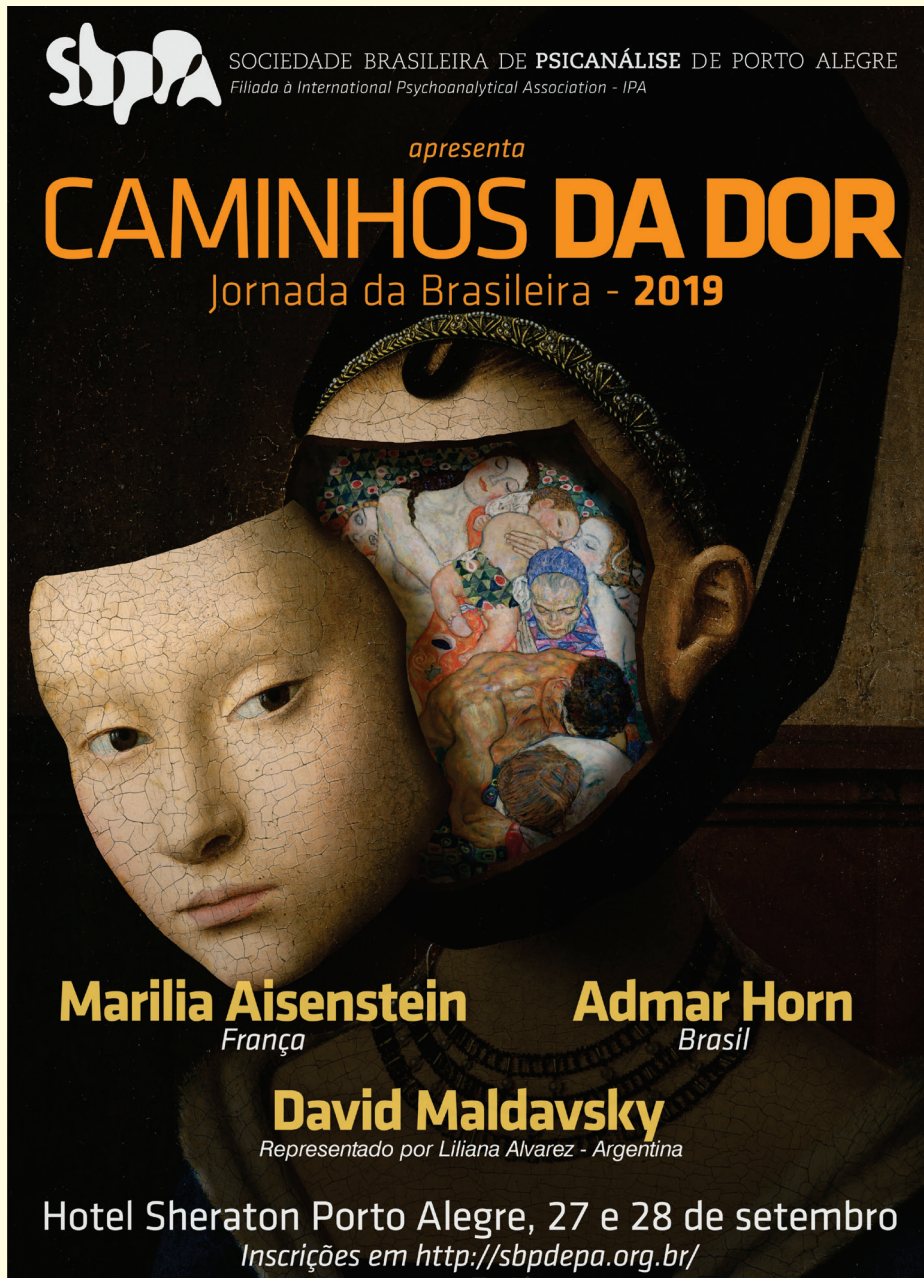
Posso dar um breve exemplo de uma paciente que sentia uma dor no ombro. Era uma dor totalmente justificada por um diagnóstico médico e que a invalidava. Quando atendi essa mulher, ela estava em luto pela morte do pai, como se tivesse sido ontem, mas ele havia morrido há três anos. Ela o havia acompanhado durante uma doença muito longa. Eu a fiz falar muito sobre esse luto, e ela me contou que, quando caminhava com o pai pelo jardim do hospital, ele sempre colocava a mão no ombro direito dela. Ela associa então que ambos eram excelentes jogadores de tênis – novamente o ombro direito! Depois de termos conseguido falar muito sobre essa sequência, mesmo que não tenha desaparecido, sua dor perdeu a característica totalmente disruptiva. A paciente conseguiu dar uma história a sua dor.

P- A senhora poderia comentar sobre o livro que será publicado com o título “Dor e pensamento: psicossomática contemporânea”?

R- O livro é uma coletânea de artigos baseada num livro publicado em espanhol, mas sei que foram acrescentados outros artigos. Trata-se então de uma soma de questões que eu levantei no exercício da minha atividade clínica, porque eu sempre escrevo tendo em mente a clínica e é a partir de questões levantadas por ela que procuro abordar este ou aquele tema. São então artigos inicialmente um tanto prolíficos

que podem parecer não estarem relacionados entre si. Mas a partir de uma reflexão, tentando me concentrar no que fazia o fio condutor dos meus textos, cheguei ao título “Dor e pensamento”, pois, para mim, o masoquismo erógeno primário é algo fundamental. E percebi, por exemplo, nas conferências que tenho feito nos Estados Unidos, que esse conceito é pouco conhecido. Então, quis colocá-lo no centro, junto com os processos de pensamento que sempre foram um tema pelo qual me interessei muito. Talvez vocês não saibam

que eu era filósofa antes de me tornar psicanalista. Estudei filosofia, mas logo me encaminhei para a Psicanálise. Quando ainda era pequena, eu queria saber como pensamos, e foi isso que me levou a fazer filosofia. Depois, quando fiz análise por razões pessoais, percebi que, na verdade, a Psicanálise, talvez mais que a cura do sintoma, trazia uma liberdade de pensamento que nenhum outro tratamento oferecia. Isso explica o título.



sbpa SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE PORTO ALEGRE
Filiada à International Psychoanalytical Association - IPA

apresenta

CAMINHOS DA DOR

Jornada da Brasileira - 2019

Marilia Aisenstein França
Admar Horn Brasil
David Maldavsky
Representado por Liliã Alvarez - Argentina

Hotel Sheraton Porto Alegre, 27 e 28 de setembro
Inscrições em <http://sbpdepa.org.br/>

Balada para un loco

Astor Piazzolla

Las tardecitas de buenos aires
tienen ese que se yo, viste?
Salgo de casa por arenales,
lo de siempre en la calle y en mi
Cuándo, de repente,
detras de un árbol, se aparece el
Mezcla rara de penultimo linyera
Y de primer polizone en el viaje a venus
Medio melón en la cabeza
Las rayas de la camisa pintadas en la piel
Dos medias suelas clavadas en los pies
Y una banderita de taxi libre levantada en
cada mano
Parece que solo yo lo veo
Porque él pasa entre la gente
y los maniqués le guiñan
Los semáforos le dan tres luces celestes
Y las naranjas del frutero de la esquina
Le tiran azahares
Y así, medio bailando y medio volando
Se saca el melón, me saluda
Me regalo una banderita y me dice:

Ya sé que estoy piantao, piantao, piantao
No ves que va la luna rodando por callao
Que un corso de astronautas
y niños, con un vals
Me baila alrededor, ibailá! ivení! ivolá!

Ya sé que estoy piantao, piantao, piantao
Yo miro a buenos aires
del nido de un gorrión
Y a vos te vi tan triste... ivení! ivolá! isentí!
El loco berretín que tengo para vos

iLoco! iloco! iloco!
Cuando anochezca en tu porteña soledad
Por la ribera de tu sábana vendré
Con un poema y un trombón
A desvelarte el corazón

iLoco! iloco! iloco!
Como un acróbata demente saltaré
Sobre el abismo de tu escote hasta sentir
Que enloquecí tu corazón de libertad
¡Ya vas a ver!

Y así diziendo, el loco me convida
A andar en su ilusión super-sport
Y vamos a correr por las cornisas
¡Con una golondrina en el motor!

De vieytes nos aplauden: "¡viva! ¡viva!"
Los locos que inventaron el amor,
Y un ángel y un soldado y una niña
Nos dan un valsecito bailador

Nos sale a saludar la gente linda
Y loco, pero tuyo, ¡qué sé yo!:
Provoca campanarios con su risa
Y al fin, me mira, y canta a media voz:

Quereme así, piantao, piantao, piantao
Trepate a esta ternura de locos que hay en
mí
Ponete esta peluca de alondras, ¡y volá!
¡Volá conmigo ya! ivení, volá, vení!

Quereme así, piantao, piantao, piantao
Abrite los amores que vamos a intentar
La mágica locura total de revivir
¡Vení, volá, vení! itrai-lai-la-larará!

¡Viva! ¡viva! ¡viva!
Loca el y loca yo
¡Locos! ¡locos! ¡locos!
¡Loca el y loca yo